

GOVERNO ESTADUAL DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ - UESPI

ORGANIZAÇÃO:

Angela Maria Macêdo de Oliveira
Joseanne Zingleara Soares Marinho
Rakell Milena Osório Silva



CADERNO DE RESUMOS

I SEMINÁRIO NACIONAL DE GÊNERO E DIREITOS HUMANOS: FUNDAMENTOS, PERSPECTIVAS E EXPERIÊNCIAS CONTEMPORÂNEAS



EdUESPI
2023

**GOVERNO ESTADUAL DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ - UESPI**

ORGANIZAÇÃO:

Angela Maria Macêdo de Oliveira
Joseanne Zingleara Soares Marinho
Rakell Milena Osório Silva

CADERNO DE RESUMOS

**I SEMINÁRIO NACIONAL DE GÊNERO E DIREITOS HUMANOS:
FUNDAMENTOS, PERSPECTIVAS E EXPERIÊNCIAS CONTEMPORÂNEAS**



EdUESPI



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI

Evandro Alberto de Sousa
Reitor

Jesus Antônio de Carvalho Abreu
Vice-Reitor

Mônica Maria Feitosa Braga Gentil
Pró-Reitora de Ensino de Graduação

Josiane Silva Araújo
Pró-Reitora Adj. de Ensino de Graduação

Raurys Alencar de Oliveira
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

Fábia de Kássia Mendes Viana Buenos Aires
Pró-Reitora de Administração

Rosineide Candeia de Araújo
Pró-Reitora Adj. de Administração

Lucídio Beserra Primo
Pró-Reitor de Planejamento e Finanças

Joseane de Carvalho Leão
Pró-Reitora Adj. de Planejamento e Finanças

Ivoneide Pereira de Alencar
Pró-Reitora de Extensão, Assuntos Estudantis e Comunitários

Marcelo de Sousa Neto
Editor da Universidade Estadual do Piauí



**GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ - UESPI**



Rafael Tajra Fonteles **Governador do Estado**
Themístocles de Sampaio Pereira Filho **Vice-Governador do Estado**
Evandro Alberto de Sousa **Reitor**
Jesus Antônio de Carvalho Abreu **Vice-Reitor**

Administração Superior

Mônica Maria Feitosa Braga Gentil **Pró-Reitora de Ensino de Graduação**
Josiane Silva Araújo **Pró-Reitora Adj. de Ensino de Graduação**
Raurys Alencar de Oliveira **Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação**
Fábia de Kássia Mendes Viana Buenos Aires **Pró-Reitora de Administração**
Rosineide Candeia de Araújo **Pró-Reitora Adj. de Administração**
Lucídio Beserra Primo **Pró-Reitor de Planejamento e Finanças**
Joseane de Carvalho Leão **Pró-Reitora Adj. de Planejamento e Finanças**
Ivoneide Pereira de Alencar **Pró-Reitora de Extensão, Assuntos
Estudantis e Comunitários**

Marcelo de Sousa Neto **Editor**
Autores **Revisão**
[Luciana Leite](#) **Capa**
[Editora e Gráfica UESPI](#) **E-book**

Endereço eletrônico da publicação: <https://editora.uespi.br/index.php/editora/catalog/book/130>

S471c Seminário Nacional de Gênero e Direitos Humanos (1. : 2022 : Teresina, PI). Caderno de resumos do I Seminário Nacional de Gênero e Direitos Humanos [recurso eletrônico]: fundamentos, perspectivas e experiências contemporâneas, realizado em 25 de novembro, 05 e 07 de dezembro de 2022 em Teresina, PI / Organizador por Ângela Maria Macêdo de Oliveira, Joseanne Zingleara Soares Marinho, Rakell Milena Osório Silva. - Teresina : FUESPI, 2023.
E-book

ISBN: 978-65-89616-44-3

1. Estudos de Gênero. 2. Direitos Humanos. I. Oliveira, Ângela Maria Macêdo de (Org.). II. Marinho, Joseanne Zingleara Soares (Org.). III. Silva, Rakell Milena Osório (Org.). IV. Título.

CDD: 323.4

Ficha Catalográfica elaborada pelo Serviço de Catalogação da Universidade Estadual do Piauí - UESPI
Ana Angélica P. Teixeira (Bibliotecária) CRB 3a/1217

I SEMINÁRIO NACIONAL DE GÊNERO E DIREITOS HUMANOS: FUNDAMENTOS, PERSPECTIVAS E EXPERIÊNCIAS CONTEMPORÂNEAS

ORGANIZADORAS DO E-BOOK

Ângela Maria Macêdo de Oliveira

Universidade Estadual do Piauí- UESPI, Campus Poeta Torquato Neto

Joseanne Zingleara Soares Marinho

Universidade Estadual do Piauí- UESPI, Campus Poeta Torquato Neto

Universidade Federal do Piauí- UFPI

Rakell Milena Osório Silva

Universidade Estadual do Piauí- UESPI, Campus Poeta Torquato Neto

COMISSÃO ORGANIZADORA DO EVENTO

Ângela Maria Macêdo de Oliveira

Fernando Bagiotto Botton

Joseanne Zingleara Soares Marinho

Mara Ligia Fernandes Costa

Ruan Nunes Silva

Fernando Bagiotto Botton

EQUIPE DE MONITORIA

(Curso de Graduação em História- UESPI- Campus Poeta Torquato Neto)

Ádyson Lucas dos Santos Oliveira

Danielle Filgueiras Santos

Josnayra Fernanda Costa Pereira

Fernanda Martins Quaresma

Larissa Alves Carvalho

Rakell Milena Osório Silva

Thainá Farias Machado Riedel

EQUIPE EDITORIAL

Ângela Maria Macêdo de Oliveira

Ádyson Lucas dos Santos Oliveira

Danielle Filgueiras Santos

Fernanda Martins Quaresma

Larissa Alves Carvalho

Rakell Milena Osório Silva

Thainá Farias Machado Riedel

Realização



Apoio



SUMÁRIO

SINOPSE.....	11
APRESENTAÇÃO.....	12
PROGRAMAÇÃO.....	15

SIMPÓSIO TEMÁTICO 01

A MULHER NA ANTIGUIDADE

APRESENTAÇÃO DO ST 01.....	18
A (DES)CONSTRUÇÃO DA FIGURA DA “BRUXA” PERANTE AS OBRAS MUDIÁTICAS HOCUS POCUS (1993) E CONVENÇÃO DAS BRUXAS (2020) <i>Juliane de Moura Gonçalves</i> <i>José Petrócio de Farias Júnior</i>	19
A MULHER E A ANTIGUIDADE CLÁSSICA ESPANHOLA: ANÁLISE DO DISCURSO DE RESISTÊNCIA FEMININA A PARTIR DE LAURÊNCIA EM FUENTEOVEJUNA DE LOPE DE VEGA <i>Anderlei Carneiro Vilhena</i>	20
A PERSPICÁCIA DA FARAÓ CLEÓPATRA VII NO MANEJO DAS INTRIGAS POLÍTICAS E DIFAMAÇÃO DOS ROMANOS <i>Thomaz Décio Abdalla Siqueira</i>	21
ARISTÓTELES E SUA CONCEPÇÃO SOBRE O PAPEL DA MULHER NA SOCIEDADE ATENIENSE: UMA BREVE REFLEXÃO <i>Gizeli da Conceição Lima</i>	22
ASPÁSIA DE MILETO, OS ANTIGOS E SUAS CONTRADIÇÕES <i>Maria Aparecida de Oliveira Silva</i>	23
MULHERES NA GRÉCIA CLÁSSICA: DIFERENÇAS E SEMELHANÇAS ENTRE A MULHER ESPARTANA E A MULHER ATENIENSE <i>Alvaro Monteiro Ferreira da Silva</i>	24
O ASSASSINATO DE HIPÁTIA DE ALEXANDRIA À LUZ DE SÓCRATES DE CONSTANTINOPLA E DAMÁSIO <i>José Petrócio de Farias Junior</i>	25

SIMPÓSIO TEMÁTICO 03

HISTÓRIA E RELAÇÕES DE GÊNEROS:

perspectivas de pesquisas e produção de conhecimentos contemporâneos nas Ciências Humanas

APRESENTAÇÃO DO ST 03.....	27
----------------------------	----

A MULHER E A SOCIEDADE, IRMÃS BASTARDAS? ANÁLISE CRÍTICA SOBRE O FEMININO NA OBRA “PERTO DO CORAÇÃO SELVAGEM” E O CONTO “A LEGIÃO ESTRAGEIRA”, DE CLARICE LISPECTOR (2019) <i>Francisca Cibele da Silva Gomes</i>	28
AS ENFERMEIRAS DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA: ATUAÇÃO E PERMANÊNCIA DE MULHERES NOS CONFLITOS ARMADOS <i>Maria Clara Lima de Oliveira</i>	29
AS RELAÇÕES DE GÊNERO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E VIVÊNCIAS NO COTIDIANO ESCOLAR <i>Cristiane Pereira Lima</i>	30
“ATENTADOS PÓETICOS” À SEXUALIDADE: UMA LEITURA SOBRE A “POESIA PROJÉTIL” DE JOMARD MUNIZ DE BRITTO <i>Iago Tallys Silva Luz</i> <i>Fábio Leonardo Castelo Branco Brito</i>	31
A VIOLÊNCIA CONTRA A POPULAÇÃO LGBTQIAPN+ E AS POLÍTICAS PÚBLICAS NO GOVERNO BOLSONARO (2018-2021) <i>Melissa Freitas Dias</i> <i>Olívia Candeia Lima Rocha</i>	32
COM A BOCA NO MUNDO: HISTÓRIA, MÚSICA E GÊNERO NA OBRA DE RITA LEE (1970-1980) <i>Sabrina Thays Bezerra Santos</i> <i>Pedro Pio Fontineles Filho</i>	33
ESCRITAS DE AUTORIA FEMININA PELO DIREITO DAS MULHERES PARTICIPAREM DA VIDA RELIGIOSA DURANTE A REFORMA PROTESTANTE NO SÉCULO XVI <i>Gislaine Machado</i>	34
ESTADO DO CONHECIMENTO: FORMAÇÃO HUMANA NO ESPAÇO DOS GRUPOS REFLEXIVOS <i>Aleandro Rodrigues</i> <i>Lúcia Helena Rincon Afonso</i>	35
FACES DOS CORPOS MARCADOS NA HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE: MÍDIAS DIGITAIS E A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER DO MARANHÃO <i>Jennyfher Lourena de Oliveira Silva</i> <i>Jakson dos Santos Ribeiro</i>	36
LOCALIZAÇÃO DO MERETRÍCIO: ZONEAMENTO EM CAXIAS DO SUL – RS EM 1940-1950 ATRAVÉS DO JORNAL PIONEIRO <i>André Luiz Paz</i>	37
“¡MADRES! ENSEÑAD TODAS ESTAS VERDADES A VUESTROS HIJOS”: PERCEPÇÕES DE MATERNIDADE ATRAVÉS DO PERIÓDICO LA VOZ DE LA MUJER (1896-1897) <i>Gabriela Schwengber</i>	38

MÃES E FILHAS – EDUCAÇÃO NOS LARES MENONITAS: CULTURA E TRADIÇÕES DAS FAMÍLIAS DESCENDENTES DE IMIGRANTES RADICADOS NO PARANÁ (1970-1980) <i>Eliane Maass Cirqueira</i> <i>Samara Mendes Araújo Silva</i>	39
O CORPO GORDO E IDENTIDADE: UMA ANÁLISE DA PERSONAGEM MARIA LUÍSA NA OBRA A GORDA, DE ISABELA FIGUEIREDO <i>Atos Daniel Pereira da Silva</i>	40
OS DISCURSOS SOBRE O FEMININO NO BRASIL DO SÉCULO XIX E XX: RUPTURAS E PERMANÊNCIAS <i>Dryeli de Jesus Coelho</i>	41
SENTENCIADA AO SILÊNCIO: REPRESENTAÇÕES DE UMA VÍTIMA DE FEMINICÍDIO EM UM PROCESSO CRIMINAL DE 1972, EM PARANAGUÁ <i>Bárbara Bombasar Faria</i> <i>Kety Carla de March</i>	42
SOBREPUJADA EM PROL DAS RELAÇÕES FAMILIARES (PARANAGUÁ, 1970) <i>Layla Chaenny da Silveira Policarpo</i> <i>Kety Carla de March</i>	43

SIMPÓSIO TEMÁTICO 04

O ENSINO DE HISTÓRIA E AS RELAÇÕES DE GÊNERO: articulações para uma formação histórica plural

APRESENTAÇÃO DO ST 04.....	45
AS TRAJETÓRIAS DAS MULHERES DO CANGAÇO NO ENSINO DE HISTÓRIA: NOVAS PERSPECTIVAS DE ABORDAGENS SOBRE O AMBIENTE RURAL <i>Ana Karla da Silva Cruz</i> <i>Joseanne Zingleara Soares Marinho</i>	46
DIVERSIDADE E ENSINO HISTÓRIA NO CHÃO DA SALA DE AULA: NARRATIVAS DISCENTES SOBRE AS QUESTÕES DE GÊNERO A PARTIR DAS OBSERVAÇÕES DOS/AS ESTAGIÁRIOS/AS NAS ESCOLAS DE CAXIAS/MA <i>Jakson dos Santos Ribeiro</i>	48
GÊNERO E FEMINISMOS NO ENSINO DE HISTÓRIA <i>Renata Lewandowski Montagnoli</i>	49
MARIA DE VILA MATILDE NO ENSINO DE HISTÓRIA: UMA ABORDAGEM SOBRE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA AS MULHERES, ATRAVÉS DE DOUGLAS GERMANO <i>Luciane Moreira Andrade de Lima</i> <i>Mary Angélica Costa Tourinho</i>	50
MOVIMENTO FEMININO E SUAS RESISTÊNCIAS DURANTE O PERÍODO DITATORIAL	

<i>Samara Regina da C. Santos</i>	51
O ESTUDO DE GÊNERO NO ENSINO MÉDIO: UM DIÁLOGO ENTRE HISTÓRIA E LITERATURA <i>Iasmin Maria Andrade da Silva</i> <i>Jakson dos Santos Ribeiro</i>	52
OLHARES DOCENTES SOBRE AS QUESTÕES DE GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA NA CIDADE DE CAXIAS/MA <i>Laiane Miranda</i> <i>Jakson dos Santos Ribeiro</i>	53
PENSAMENTO FEMINISTA NEGRO NO ENSINO DE HISTÓRIA: CONTRIBUIÇÕES PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA <i>Hellen Pabline Leal Conceição</i> <i>Joseanne Zingleara Soares Marinho</i>	54

SIMPÓSIO TEMÁTICO 05

QUEER E ALÉM:

perspectivas do que se chama de queer na contemporaneidade

APRESENTAÇÃO DO ST 05.....	57
A AMIZADE COMO MODO DE VIDA EM A CANÇÃO DE AQUILES, DE MADELINE MILLER <i>Antonio Marcos da Silva Brito</i>	58
A REPRESENTATIVIDADE QUEER NA MÚSICA POP: UMA NÁLISE DAS CANÇÕES DA CANTORA CYNDI LAUPER <i>Antônio Kleiton da Penha Alves</i>	59
GRAMATICALMENTE ERRADO, LINGUISTICAMENTE CORRETO: A CELEBRAÇÃO DE IDENTIDADES DIVERSAS PELA SUBVERSÃO DAS NORMAS <i>Jamilyns Maiara da Silva Nogueira</i>	60
IMPACTOS DA AMATONORMATIVIDADE EM “REGRET”, DE KATE CHOPIN <i>Dameres Suelen Ferreira do Nascimento</i>	61
NA CAMA COM BRUNS E THALESSA ARAÚJO <i>Carlos César Santos Silva Filho</i>	62
OGBANJE GÊNERO E PERFORMANCE: UMA ANÁLISE DA PERSONAGEM ADA EM ÁGUA DOCE, DE AKWAEKE EMEZI <i>Camila de Carvalho Silva</i> <i>Atos Daniel Pereira da Silva</i> <i>Francisco Welison Fontenele de Abreu</i>	63
“QUE TIPO DE HOMEM QUER QUE EU SEJA, PAI?”: AS VIOLÊNCIAS VIVENCIADAS POR ERIC EFFIONG NO ÂMBITO FAMILIAR EM SEX EDUCATION (2019) <i>Vitor Hugo Sousa Oliveira</i>	

<i>Renata Cristina da Cunha</i>	64
RECONTEXTUALIZAÇÃO DA HOMOFOBIA EM COMENTÁRIOS ONLINE <i>Ivonildo da Silva Reis</i>	65

SIMPÓSIO TEMÁTICO 06

OS ESTUDOS DE GÊNERO E DIREITOS HUMANOS SOB A PERSPECTIVA DA HISTÓRIA: diálogos possíveis

APRESENTAÇÃO DO ST 06.....	67
AS DIFERENTES NARRATIVAS DOS CASOS DE FEMINICÍDIO ATRAVÉS DO PERIÓDICO ‘DIÁRIO DO PARANÁ’ (1977 A 1981) <i>Andriely K. M. T. D. S. Mikoda</i> <i>Kety Carla De March</i>	68
COMO O BRASIL COMBATE A DESIGUALDADE SALARIAL? <i>Maria Eduarda Galvão de Oliveira</i> <i>Norma Cristina de Aragão Oliveira Pinheiro Machado</i>	69
DIREITO À SAÚDE PARA QUEM? EXPERIÊNCIAS DE MULHERES TRANS E TRAVESTIS NEGRAS NO ACESSO AOS SERVIÇOS DE SAÚDE <i>Renata de Souza Silva</i>	70
“ISSO SE ALASTRA COMO MOFO”: A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER E A VIOLAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS EM <i>MAID</i> (2021) <i>Esther Pereira Araujo</i> <i>Renata Cristina da Cunha</i>	71
MOVIMENTO LGBTQI+: UMA ANÁLISE INTERSECCIONAL A PARTIR DO LAMPIÃO DA ESQUINA E DO BOLETIM CHANACOMCHANA (1978-1987) <i>Gizele Virginia da Silva</i>	73
NÃO GESTEI, E DAÍ?: PERSPECTIVAS DE UMA VIDA SEM FILHOS <i>Thayná Guedes Assunção Martins</i> <i>Georgiane Garabely Heil Vázquez</i>	74
“OS CASOS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA QUE TRANSITAM MARCHAM PARA O NADA”: A APLICABILIDADE DA LEI MARIA DA PENHA EM UMA COMARCA PIAUIENSE (2006 A 2016) <i>Angela Maria Macedo de Oliveira</i>	75

SIMPÓSIO TEMÁTICO 07

A crítica pós-colonial e os estudos sobre gênero: diálogos emergentes para o campo das ciências humanas e sociais

APRESENTAÇÃO DO ST 07.....	77
A BOCA CALA E O CORPO FALA: A EXPRESSÃO DO CORPO E O SILÊNCIO DE YEONGHYE EM A VEGETARIANA DA ESCRITORA HANG KANG <i>Ieda Sousa da Cunha</i>	78
A LITERATURA INDÍGENA FRENTE AO SILENCIAMENTO INDÍGENA NA ESCOLA: DECOLONIALIDADE E ESCRITA DE MULHERES INDÍGENAS <i>Jairo da Silva e Silva</i>	79
ENTRE DELORY-MOMBERGER (2008), PEREIRA E MOTA (2015), O FEMINISMO NEGRO, A LUTA PELA EDUCAÇÃO TRANSGRESSORA E A INVEÇÃO, NÃO SÓ DO COTIDIANO <i>Edivonha Leite dos Santos</i> <i>Daiane Santana Santos</i>	80
FEMINISMOS DECOLONIAIS NA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA <i>Silmária Reis dos Santos</i>	81

SIMPÓSIO TEMÁTICO 08

DECOLONIZANDO O GÊNERO:

perspectivas africanas, afrodiáspóricas e indígenas

APRESENTAÇÃO DO ST 08.....	83
A DIÁSPORA REPRESENTADA EM <i>CIDADÃ DE SEGUNDA CLASSE</i> : UMA PERSPECTIVA DECOLONIAL <i>Bruna Agliardi Verastegui</i>	84
FEMINISMOS, INTERSECCIONALIDADES, DECOLONIALIDADES E DIREITOS HUMANOS <i>Edmeire Oliveira Pires</i>	85
MEMÓRIAS ANCESTRAIS NA POESIA DA AUTORA PORTO-RIQUENHA MAYRA SANTOS-FEBRES: RESGATE E REDESCOBERTA DE SI <i>Déborah Alves Miranda</i> <i>Macksa Raquel Gomes Soares</i>	87
UMA OUTRA HISTÓRIA DAS ARTES TÊXTEIS A PARTIR DAS COSMOVISÕES DOS POVOS ORIGINÁRIOS DA AMÉRICA LATINA: OS MANTOS DE GLICÉRIA TUPINAMBÁ <i>Adriene Coelho Ferreira Jerozolimski</i> <i>Maristani Polidori Zamperetti</i>	88



SINOPSE

O presente Caderno de Resumos traz um conjunto de reflexões que, em linhas gerais, expressam o que foi apresentado, pesquisado e produzido em diversas áreas do saber debatidas nos Simpósios Temáticos (STs) do **I Seminário Nacional de Gênero e Direitos Humanos**: fundamentos, perspectivas e experiências contemporâneas. O evento foi realizado, de forma remota, na Universidade Estadual do Piauí (UESPI), *Campus* Poeta Torquato Neto, localizado na cidade de Teresina (PI), no período de 25/11, 05 a 07 de dezembro de 2022. Sua realização almejou o aprofundamento, integração e divulgação das atividades realizadas no âmbito do Grupo de Pesquisa em História, Cultura e Gênero-GRUPEHCGE (CNPQ/UESPI) e dos Cursos de Licenciatura Plena em História, da UESPI, Teresina, *Campus* Poeta Torquato Neto, Campo-Maior, *Campus* Heróis do Jenipapo e Parnaíba *Campus* Alexandre Alves de Oliveira. O objetivo do evento foi oportunizar aos participantes reflexões críticas e atualizadas relativas às potencialidades de diálogos entre Gênero e Direitos Humanos, seja no cotidiano seja nas pesquisas acadêmicas. Associar os Estudos de Gênero com a discussão sobre os Direitos Humanos permite não só debater as desigualdades sociais, a violência doméstica e familiar, o feminicídio, mas também refletir sobre lutas por reconhecimento, avanços e desafios legislativos, bem como vislumbrar as perspectivas de efetivação dos direitos para as pessoas mais vulneráveis como, por exemplo, mulheres, crianças, adolescentes, pessoas LGBTQIAPN+, populações negras, populações indígenas, idosas/os, pessoas com deficiências, dentre muitas outras que cotidianamente passam por violações de suas garantias fundamentais.

Palavras-chave: Estudos de Gênero. Direitos Humanos. Transdisciplinaridade.



APRESENTAÇÃO

A realização do **I Seminário Nacional de Gênero e Direitos Humanos: fundamentos, perspectivas e experiências contemporâneas** foi uma iniciativa de pesquisadoras, pesquisadores e discentes vinculados ao Grupo de Pesquisa em História, Cultura e Gênero- GRUPEHCGE (CNPQ/UESPI), reuniu pesquisadoras/es de diferentes Instituições de Ensino Superior, sendo que nesta edição tivemos, 589 inscritos de todas as regiões do Brasil. O evento de amplitude nacional ensejou ampliar o debate acadêmico acerca de pesquisas transdisciplinares sobre os estudos de Gênero vinculados aos Direitos Humanos.

Os direitos humanos são fundamentais na luta contra todas as formas de violências de gênero. Nesta edição, 2022, tivemos como temática principal de debate os fundamentos, as perspectivas e as experiências contemporâneas sobre as dificuldades para a efetivação dos direitos humanos das mulheres e das pessoas LGBTQIAPN+.

Os participantes do Seminário tiveram a oportunidade de compartilhar seus conhecimentos de maneira transdisciplinar, em 08 (oito) Simpósios Temáticos – ST's, com participação de pesquisadoras/es de diferentes Instituições de Ensino Superior, como a UESPI, UFPI, IFPI, UFPR, UEPG, UEMG, UFBA, UFSM, UFES.

Durante o evento, discutiram-se as categorias de Gênero e Direitos Humanos de maneira teórica e empírica em suas múltiplas manifestações e impactos, tanto na academia quanto na sociedade. Nesse sentido, o evento procurou desconstruir distorções e preconceitos quanto às respectivas áreas do conhecimento, Gênero e Direitos Humanos, aliadas às seguintes temáticas: feminismos plurais, historiografia, masculinidades plurais, ensino de História, subjetividades masculinas e femininas, violência política, estudos *queer*, assédio moral, perspectivas pós-coloniais sobre os estudos de gênero, literatura, direitos fundamentais e violência doméstica e familiar, assuntos debatidos de maneira transversal em suas dimensões históricas, filosóficas, legislativas, sociológicas e literárias.

A violência de gênero contra as mulheres é um problema social mundial, em todas as regiões brasileiras os jornais e telejornais diários nos evidenciam contemporaneamente essa triste realidade. As estatísticas, sejam no passado, sejam no



presente são alarmantes, e servem para denunciar esse grave problema que afeta toda a sociedade brasileira. No plano internacional, desde a década de 1990, a Organização das Nações Unidas - ONU, se movimenta quanto a essa violação de direitos fundamentais, notadamente, através da Conferência Mundial de Direitos Humanos, ocorrida em 1993, em Viena, na Áustria, ocasião em que a ONU não apenas repudiou, mas condenou veementemente todas as formas de violência contra as mulheres, colocando-a no mesmo rol de importância de outras violações extremas de direitos humanos, como o genocídio, o terrorismo e a limpeza étnica¹. Nesta Conferência ficou reconhecido que a violência contra as mulheres significava uma violação dos direitos humanos.

O ano de 1993, foi um momento histórico, pois foram reconhecidos os direitos humanos das mulheres, embora tardiamente, se compararmos com a Declaração Universal dos Direitos Humanos, que data de 10 de dezembro de 1948. E neste ano de 2023, serão comemorados os 30 anos da Conferência Mundial de Direitos Humanos, ocorrida em Viena, e este Anais do I Seminário Nacional de Gênero e Direitos Humanos: fundamentos, perspectivas e experiências contemporâneas já inicia o ano, comemorando essa efeméride. Em dezembro deste ano, o Grupo de Pesquisa em História, Cultura e Gênero- GRUPEHCGE completa uma década de atividades de pesquisas e extensões universitárias.

Na década de 1990, também, foi aprovada a Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência Contra a Mulher pela Assembleia Geral da Organização dos Estados Americanos (OEA), ocorrida em 09 de junho de 1994, em Belém do Pará. Foi ratificada pelo Brasil, no ano seguinte, em 27 de novembro de 1995. O documento que foi aprovado e ficou conhecido como a Convenção de Belém do Pará, que definiu a violência de gênero como: “[...] qualquer ação ou conduta baseada no gênero que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher, tanto no âmbito público como no privado”². O mundo, notadamente, os países signatários da ONU, passaram a definir legalmente o que é violência de gênero contra as mulheres como “uma das formas de violações de direitos humanos mais recorrentes e abafadas, porque

¹ COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antônio. Os direitos humanos e as questões de gênero. 2014. História Revista, Goiânia, v. 19, n. 3, 2014, pág. 33-57. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/historia/article/view/32992/22740>. Acesso em 10 fev. de 2023.

² BRASIL. Legislação. *Convenção de Belém do Pará*. Decreto n.º 1.973, de 01 de ago. de 1994.



frequentemente praticada no recesso do lar e nos recintos de trabalho, e dissimuladas pelos costumes”.³

Em sociedades democráticas o princípio da igualdade faz toda diferença. A carta magna de 1988 estabeleceu a igualdade como princípio basilar proibindo todas as distinções. Entretanto, sabemos que a igualdade constitucional não acabou com a discriminação entre homens e mulheres, que é historicamente construída, sendo que a sua face mais terrível é a violência de gênero contra as mulheres, tratando-se de uma comprovação de desrespeito aos Direitos Humanos. A violência de gênero contra as meninas, as mulheres e as pessoas LGBTQIAPN+, mesmo em sociedades democráticas, como o Brasil, insiste em permanecer e seus índices são alarmantes, o que demonstra que os direitos humanos precisam ser convocados, lembrados e principalmente, efetivados para crianças, adolescentes, mulheres, pessoas LGBTQIAPN+, populações negras, populações indígenas, idosas/os, pessoas com deficiências, dentre muitas outras pessoas que cotidianamente passam por violações de suas garantias fundamentais.

Teresina, 11 de fevereiro de 2023.

Comissão Organizadora

Ângela Maria Macêdo de Oliveira
Fernando Bagiotto Botton
Joseanne Zingleara Soares Marinho
Mara Ligia Fernandes Costa
Ruan Nunes Silva

³ ALVES, Lindgren. *Os direitos humanos como tema global*. São Paulo: Perspectiva, 1994, p.108.



PROGRAMAÇÃO

Sexta-feira, 25 de novembro de 2022

19h	<p>Conferência de abertura: Tema: Gestos simbólicos do Femicídio Palestrante: Prof^a Dr^a Eugenia Nogueira do Rêgo Monteiro Villa Delegada de Polícia Civil do Piauí. Doutora em Direito e Políticas Públicas. Superintendente de Gestão de Riscos da Secretaria de Segurança Pública do Piauí. Professora da Universidade Estadual do Piauí. Autora do Livro: <i>Circuito do feminicídio, o silêncio murado do assassinato de mulheres</i> Mediação: Profa Ma. Angela Maria Macêdo de Oliveira (UESPI)</p>
-----	--

Segunda-feira, 05 de dezembro de 2022

09:00 às 11:30	Sessão de apresentação de trabalhos nos Simpósios Temáticos		
14:00 às 16:00	Mesa-redonda: Feminismos plurais		
	Palestrante Profa Ma. Leticia Carolina Pereira do Nascimento (UFPI)	Palestrante Prof ^a Ma Nalva Maria Rodrigues de Sousa (IFPI/UFRGS)	Mediadora Profa Dra Joseanne Zingleara Soares Marinho (UESPI)
19:00 às 21:00	Mesa-redonda: Os direitos humanos das mulheres: dos fundamentos às perspectivas contemporâneas		
	Palestrante Prof Me. Carlos Wagner Araújo Nery da Cruz (Juiz do Trabalho/UESPI)	Palestrante Prof ^a Dr ^a Verônica Acioly de Vasconcelos (Titular da 2 ^a Defensoria Pública do Núcleo de Defesa da Mulher em Situação de Violência em Teresina/FSA)	Mediadora Profa Ma. Ângela Maria Macêdo de Oliveira (UESPI)

Terça-feira, 06 de dezembro de 2022


09:30 às 11:30	Mesa-redonda: Gênero e Masculinidades plurais		
	Palestrante Prof. Dr. Pedro Vilarinho Castelo Branco (UFPI)	Palestrante Prof. Dr. Fernando Bagiotto Botton (UESPI)	Mediadora Profa Dra Mara Ligia Fernandes Costa



14:00 às 16:00	<p>Mesa-redonda: Violências de gênero contra as mulheres no sertão piauiense</p> <table><tr><td>Palestrante Profa Ma. Valderlany Mendes Dantas (UESPI)</td><td>Palestrante Prof Dr. Evandro Alberto de Sousa (UESPI)</td><td>Mediadora Profa Ângela Maria Macêdo de Oliveira (UESPI)</td></tr></table>	Palestrante Profa Ma. Valderlany Mendes Dantas (UESPI)	Palestrante Prof Dr. Evandro Alberto de Sousa (UESPI)	Mediadora Profa Ângela Maria Macêdo de Oliveira (UESPI)
Palestrante Profa Ma. Valderlany Mendes Dantas (UESPI)	Palestrante Prof Dr. Evandro Alberto de Sousa (UESPI)	Mediadora Profa Ângela Maria Macêdo de Oliveira (UESPI)		
19:00 às 21:00	<p>Mesa-redonda: Masculinidades, Subjetividades e Violências</p> <table><tr><td>Palestrante Profa Dra Kety Carla de March (UNESPAR)</td><td>Palestrante Prof Dr. Jonas Henrique de Oliveira (UESPI)</td><td>Mediador Prof Dr. Fernando Bagiotto Botton</td></tr></table>	Palestrante Profa Dra Kety Carla de March (UNESPAR)	Palestrante Prof Dr. Jonas Henrique de Oliveira (UESPI)	Mediador Prof Dr. Fernando Bagiotto Botton
Palestrante Profa Dra Kety Carla de March (UNESPAR)	Palestrante Prof Dr. Jonas Henrique de Oliveira (UESPI)	Mediador Prof Dr. Fernando Bagiotto Botton		

Quarta-feira, 07 de dezembro de 2022

09:00 às 11:30	<p>Sessão de apresentação de trabalhos nos Simpósios Temáticos</p>			
16:00 às 18:00	<p>Mesa-redonda: Corpos dissidentes: (des)orientações sobre o que chamamos de luta diária por direitos</p> <table><tr><td>Palestrante Ayra Cristina Sousa Dias (acadêmica de Jornalismo e Serviço Social)</td><td>Palestrante Noé Rodrigues de Holanda Filho (Coordenador do Geleia Total)</td><td>Mediação Prof Dr Ruan Nunes Silva (UESPI)</td></tr></table>	Palestrante Ayra Cristina Sousa Dias (acadêmica de Jornalismo e Serviço Social)	Palestrante Noé Rodrigues de Holanda Filho (Coordenador do Geleia Total)	Mediação Prof Dr Ruan Nunes Silva (UESPI)
Palestrante Ayra Cristina Sousa Dias (acadêmica de Jornalismo e Serviço Social)	Palestrante Noé Rodrigues de Holanda Filho (Coordenador do Geleia Total)	Mediação Prof Dr Ruan Nunes Silva (UESPI)		
19h	<p>Conferência de Encerramento Violência política contra mulheres nas instituições de poder.</p> <p>Palestrante: Profa Dra Maria Beatriz Nader Doutora em História pela Universidade de São Paulo. Pós-doutora em Sociologia Política pela Universidade Estadual do Norte Fluminense. Professora Titular da Universidade Federal do Espírito Santo, vinculada ao Mestrado e Doutorado em História Social. Autora e organizadora de diversos livros, por exemplo, “História e Gênero: faces da violência contra as mulheres no novo milênio” e “História, mulher e poder”.</p> <p>Mediação: Profa Angela Maria Macêdo de Oliveira (UESPI)</p>			

A stylized, colorful illustration of three women in classical attire. The woman on the left has blonde hair and wears an orange and white dress. The woman in the center has dark hair and wears a blue and white dress. The woman on the right has dark hair and wears a purple and white dress. The background is a light beige color with faint floral patterns.

SIMPÓSIO TEMÁTICO 1

A MULHER NA ANTIGUIDADE

Profa. Msc. Gizeli da Conceição Lima
Prof. Dr. José Petrócio de Farias Junior

SIMPÓSIO TEMÁTICO 01

A MULHER NA ANTIGUIDADE

Profa. Msc. Gizeli da Conceição Lima – Doutoranda em História do Brasil - UFPI
Prof. Dr. José Petrúcio de Farias Junior – Professor do CSHNB/UFPI e do PPGHB/UFPI

As discussões historiográficas de gênero, fomentadas a partir de demandas contemporâneas, têm sido relevantes para uma mudança de foco nos estudos da Antiguidade nas últimas décadas. O Mundo Antigo, durante muito tempo, visto predominantemente sob a ótica masculina, ganhou novas leituras que destacaram movimentos de resistência e protagonismo feminino, sobretudo nos espaços de poder. O presente simpósio temático apresenta uma proposta de discussão sobre o olhar para o feminino na antiguidade a partir de pautas diversificadas e apropriações discursivas que ganham especificidades interpretativas em diferentes contextos. Trata-se de um simpósio que está aberto à participação de pesquisadoras e pesquisadores dedicados aos estudos da mulher nas sociedades antigas. Interessa-nos refletir sobre os diversos elementos, tais como: a atuação das mulheres na antiguidade dentro e fora do espaço privado; em produções literárias; nos símbolos; signos projetados como forma de fazer política; dos movimentos artísticos; das expressões amorosas; das identidades; e das memórias que fortalecem as resistências.



A (DES)CONSTRUÇÃO DA FIGURA DA “BRUXA” PERANTE AS OBRAS MIDIÁTICAS *HOCUS POCUS* (1993) E *CONVENÇÃO DAS BRUXAS* (2020)

Juliane de Moura Gonçalves (UFPI-CSHNB)
Prof. Dr. José Petrucio de Farias Júnior (UFPI-Orientador)

Resumo: Propomo-nos no seguinte trabalho problematizar a construção de imagens sobre a bruxa medieval veiculada pelas produções midiáticas a partir de fontes medievais e suas intencionalidades, desta forma, (des)construir a maneira que a obra *malleus malleficarum*, em português o Martelo das Feiticeiras (1487), dos monges dominicanos Henrich Kramer e James Sprenger em circunstância do período inquisitorial no século XV junto a filmografia de *Hocus Pocus* (1993) e *Convenção das bruxas* (2020). Objetivando representar e desconstruir a utopia criada na obra dos monges dominicanos, juntamente com a investigação e leitura que as produções cinematográficas fazem das fontes medievais, da comédia ao terror, perceber a utilização da bula papal, *Summis desiderantes affectibus*, no intuito de produzir um manual condenatório a práticas femininas consideradas subversivas à Igreja, refletiremos as estratégias retóricas dos membros eclesiásticos para caracterização estereotipada das mulheres. Como aportes teóricos- metodológicos, utilizamos obra de Eni Orlandi, *Análise do discurso: princípios e procedimentos*, para se propor uma análise interna e externa das fontes, percebendo o século XV período posterior ao que pode ser considerado, de acordo com a obra *Satã Herético* de Alain Boureau: o Nascimento da Demonologia na Europa Medieval (1280 – 1330), o momento de uma ‘virada demonológica’ no espaço ocidental, onde nota-se portanto uma atuação da Igreja no período inquisitorial popularmente conhecido como “caça às bruxas”. Posteriormente voltando a bula papal *Summis desiderantes affectibus* de Papa Inocêncio VIII essa documentação torna uma jurisdição para afirmar o pensamento dos monges dominicanos de Henrich Kramer e James Sprenger em o Martelo das Feiticeiras, mostrando-nos a construção de determinados conceitos e terminologias perante as figuras femininas medievais, nas quais, as mesmas ainda encontram-se repercutidas de forma “descontraída” e variado através das mídias, de tal forma que, através da obra *Como usar o cinema na sala de aula* de Marcos Napolitano (2022) pode-se notar como utilizar-se de tais discursos para desconstruir os padrões conservadores e tradicionais de representações históricas e midiáticas de bruxas. Desta forma, a pesquisa se justifica as poucas pesquisas na temática e a imagem negativa da mulher no medievo baseado em visões de monges do século XV, se tratando de uma pesquisa em andamento por virtude disso não possui ainda resultados obtidos, por fim, poderemos concluir a forma de como se deu a imagem feminina sobre a ótica dos dominicanos analisados, Heinrich Kramer e James Sprenger, e como se deu o sucesso da obra e seu uso e estudo como uma etapa importante na construção demológica perante a Europa ocidental, juntamente com suas abordagens teológicas dos livros sagrados e da fala individualista dos autores e para uma desconstrução de obras cinematográficas, nas quais, as mesmas podem ser utilizadas como instrumentos práticos para a abordagem da temática em aula.

Palavras- chave: Estereótipos, Medievo, Mulheres.

A MULHER E A ANTIGUIDADE CLÁSSICA ESPANHOLA: ANÁLISE DO DISCURSO DE RESISTÊNCIA FEMININA A PARTIR DE LAURÊNCIA EM FUENTEOVEJUNA DE LOPE DE VEGA

Anderlei Carneiro Vilhena (Faculdade Farese)

Resumo: Compreender a história, sobretudo a das mulheres é fundamental para empreender as mudanças necessárias na construção de uma sociedade que valorize a igualdade e a liberdade que esse grupo social luta para conseguir. A partir desse entendimento, o presente trabalho tem por objetivo apresentar uma análise discursiva da condição social da mulher na Espanha do século XVII, a qual, conforme os percursos dessa pesquisa destacam, viviam sem representação alguma dentro desse cenário histórico-político-social da época, o que as condicionavam a uma realidade de subalternidade e opressão masculina. No entanto, a partir da construção literária da personagem Laurência, na obra teatral *Fuenteovejuna*, do escritor Lope de Vega, publicada em 1619 e considerada um dos dramas teatrais de maior relevância dentro do que se conhece como *Siglo de Oro español*, nota-se uma ruptura dessas construções subalternizantes. Logo, interessa-nos investigar de que maneira os efeitos de sentido provocados pelos discursos da insubordinada Laurência conseguem mobilizar o povo do pacato vilarejo a se rebelarem contra o tirano governante Fernán Guzmán, e, por conseguinte, leva-los à libertação dessa condição de domínio. É importante salientar que a escrita de Lope de Vega em *Fuenteovejuna* é um tanto provocativa, uma vez que a tradução da nomenclatura do pequeno povoado que dá nome à obra é *cidade das ovelhas*, ou seja, um lugar de pessoas pacíficas, porém é dentro dessa contradição entre nome e realidade que é produzida uma narrativa que possibilita vez e voz às mulheres do século XVII espanhol. Assim, nessa empreitada de escrita, serão utilizados os procedimentos analíticos metodológicos da escola de discurso de orientação francesa, bem como autoras e autores e suas respectivas teorias que tratam da questão da mulher na sociedade, dentre as quais mencionam-se Perrot (2007), Spivak (2010) e Beauvoir (1970), configurando-se como um estudo de caráter interdisciplinar sobre literatura, discurso e resistência feminina. Dentro dos resultados constatados com essa pesquisa, destacam-se dois pontos importantes: 1. Observa-se que o espaço destinado à mulher dentro das sociedades clássicas era, como aponta Michelle Perrot (2007) um espaço de confinamento, de invisibilidade e silêncio, 2. A importância da literatura como mecanismo, não apenas de registro, mas também de resistência feminina dentro dessas construções machistas. Portanto, o presente trabalho nos possibilitou compreender, à luz das teorias e métodos utilizados, a necessidade de promover e de se debater sobre a questão das mulheres dentro da sociedade, para que se tenha uma real efetivação dos direitos que todos possuímos e que devem ser assegurados socialmente.

Palavras-chave: Discurso, Resistência Feminina, Literatura.

A PERSPICÁCIA DA FARAÓ CLEÓPATRA VII NO MANEJO DAS INTRIGAS POLÍTICAS E DIFAMAÇÃO DOS ROMANOS

Thomaz Décio Abdalla Siqueira (UFAM)

Resumo: O maior poder da Faraó Cleópatra VII Thea Filopátor estava, provavelmente, no “conhecimento de como se fazer agradável a todos”, conforme conta Schiff. Estima-se que podia ler em 10 ou 12 línguas e conduzir seus encontros diplomáticos na língua de seus interlocutores. Muito além do jogo de sedução como mencionado por alguns historiadores da época ptolomaica. Realmente, tinha a intenção de manter-se no poder e em Alexandria, sua sede. O Egito era considerado o celeiro do mundo ocidental e uma das nações mais ricas do Mediterrâneo. Representava um troféu muito cobiçado pelos inquietos romanos; afinal, uma centena de anos antes, os romanos haviam começado sua expansão para o Oriente. Objetivos: Descrever a propaganda política romana de retaliação; narrar a história da última faraó da dinastia ptolomaica. Métodos utilizados: Pesquisa bibliográfica através de livros e artigos científicos. Cleópatra foi a última governante do Egito, bem antes de o território se tornar uma província anexada ao território romano. Conhecida por governar de maneira firme e autônoma e por ser amante de dois importantes personagens da história romana: Júlio César e Marco Antônio. Entretanto, tendo sido educada dentro da religião egípcia e ser estrangeira, jamais poderia ser esposa de um nobre romano e muito menos dos ditos generais. Em 51 a.C, após a morte do pai, Ptolomeu XII, o trono do Egito foi passado para a emblemática Cleópatra, que tinha na época apenas 18 anos de idade. Resultados obtidos e conclusões: A jovem dividiu o trono ao lado de seu irmão de 10 anos, Ptolomeu XIII. Sabemos que estrategicamente, procurou o apoio de César, para recuperar seu trono no Egito. E deu certo: o seu irmão rival, Ptolomeu XIII, morreu afogado no Rio Nilo, após perder uma batalha. Casou novamente com outro irmão, Ptolomeu XIV, de 13 anos de idade. Isso não era incesto, sendo normal na hierarquia no antigo Egito. Após o assassinato de César, em uma conspiração para tirá-lo do cargo de imperador, seguiu em frente na administração do seu país em companhia do seu filho Caesarion. Aos 28 anos de idade se aliou ao general Antônio, que se tornou um dos governantes de Roma. A união foi oficializada e nascidos 3 filhos dessa relação afetiva. A união com o general não fortaleceu sua manutenção no trono e aumentou as tensões com Roma. Otaviano declarou guerra contra a rainha. Enfim, em 30 a.C, quando Otaviano declara guerra ao Egito e enfrenta os homens de Antônio, na Batalha de Áccio, coincidentemente Otaviano se aproximava de Alexandria, e as tropas se rendiam ao inimigo. Há divergências quanto à morte de Cleópatra, sendo uma delas a de que se suicidou ao lado do amado. Como morreu ainda é motivo de muita discussão.

Palavras-chave: Poder, Conspiração, Batalha de Áccio.

ARISTÓTELES E SUA CONCEPÇÃO SOBRE O PAPEL DA MULHER NA SOCIEDADE ATENIENSE: UMA BREVE REFLEXÃO

Gizeli da Conceição Lima ⁴ (UFPI)

Resumo: Ao longo da História, em distintas sociedades, é possível perceber a construção diferenciada daquilo que se entende por comportamentos masculinos e femininos. Atualmente as mulheres têm conquistado cada vez mais o direito de atuar nas mais diversas esferas da sociedade, como por exemplo, na política, na ciência e no mundo do trabalho. Contudo, ao entrarmos em contato com as obras de Aristóteles *Constituição de Atenas* e *Política* percebemos que na Grécia Antiga somente um grupo privilegiado podia governar, em Atenas se desenvolveu um regime democrático, onde todo o cidadão tinha o dever de se manifestar politicamente nos assuntos da cidade. Somente era considerado cidadão os homens descendentes de outros cidadãos – as mulheres, os estrangeiros e os escravizados, portanto, não tinham esse direito. A visão que os gregos (mais especificamente os atenienses) tinham das mulheres era bastante depreciativa. As principais qualidades admiradas nas mulheres eram o silêncio, a submissão e a obediência. E, é sobre estes pontos que iremos refletir nesse trabalho.

Palavras-chave: Mulheres, Democracia, Aristóteles.

⁴ Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí PPGHB/UFPI e desenvolve estudos na linha de pesquisa: História, Cidade, Memória e Trabalho. Tendo como orientador o Professor Doutor José Petrúcio de Farias Junior. Sua pesquisa está ancorada na área de História, História do Brasil, com ênfase em História Antiga e Ensino de História Antiga. Atua principalmente nos seguintes temas: Ensino de História antiga no Século XIX, Grécia, Roma, Ensino de História e Livros didáticos. É mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí - PPGHB/UFPI (2018-2020). Possui Graduação em História pela Universidade Federal do Piauí - CSHNB (2013-2017). Participa atualmente do Laboratório de História Antiga e Medieval - LABHAM/UFPI (2016-2022). Contato: gizelilimagdcl@gmail.com.

ASPÁSIA DE MILETO, OS ANTIGOS E SUAS CONTRADIÇÕES

Maria Aparecida de Oliveira Silva (Labham/UFPI e Taphos/USP)

Resumo: As diferentes leituras sobre quem foi Aspásia de Mileto apontam para barreiras construídas por juízos de valores que acentuam determinadas características e nos fazem duvidar de sua total veracidade. É preciso considerar que essa literatura foi produzida por homens cidadãos e aristocratas, defensores do princípio da cidadania, afinal de contas, tinham diversas vantagens como cidadãos. A quebra da tradição se dava no casamento e na procriação, fato que provocava indignação no povo ateniense e que os autores não deixaram de ecoar. Apesar de toda a oposição sofrida em Atenas, há evidências arqueológicas do provável sepultamento de Aspásia nessa cidade, a qual ela não abandonou mesmo com a morte de Péricles. Convém considerar, ainda que em um registro bastante tardio, o verbete de *Suda*, no século X, que define Aspásia como uma sofista e mestre da arte retórica, muito hábil com as palavras. O mais importante é compreendermos a construção da imagem degradada de uma mulher estrangeira, que se envolveu com o maior líder político ateniense de seu tempo, oriundo de família nobre, com quem gerou um filho bastardo. Percebemos, por meio de sua história, a existência de uma cidadania restrita e a visão do estrangeiro como um degenerado.

Palavras-chave: Péricles, Mulher grega, Gênero na Antiguidade.

MULHERES NA GRÉCIA CLÁSSICA: DIFERENÇAS E SEMELHANÇAS ENTRE A MULHER ESPARTANA E A MULHER ATENIENSE

Alvaro Monteiro Ferreira da Silva (UESPI)

Resumo: O presente estudo tem o principal objetivo de compreender as diferenças e semelhanças entre as mulheres atenienses e as mulheres espartanas apresentando também aspectos sobre as condições da mulher no período clássico. O estudo analisa aspectos sobre as mulheres na Grécia antiga com a visão de Maria das Graças Ferreira Schalcher, em “considerações sobre o Tema da Mulher no Pensamento de Aristóteles” e Jean Jacques Mapfre com a obra “A vida na Grécia Clássica” (1989) cuja as temáticas são abordadas como era a sociedade geral da Grécia antiga, suas culturas, política, religião e família, contudo é vista também as relações e diferenças das mulheres locais. Os resultados preliminares do estudo apontam para uma visão de mulher que era menosprezada e excluída pela sociedade, tanto porque as mulheres atenienses vivia parte do tempo às paredes de suas casas, tendo somente o papel de mulher doméstica; Já a mulher espartana aparentava ter uma certa “liberdade” maior, pois além de servir como procriadoras, eram guerreiras, um meio de fortalecer a comunidade de guerreiros e os filhos ter uma visão de pais guerreiros dando um exemplo. Assim o estudo considerou em linhas gerais que as mulheres apesar de ser excluída tem vários papéis na sociedade além de ser apenas procriadora.

Palavras-chave: Mulheres, Sociedade, Grécia.

O ASSASSINATO DE HIPÁTIA DE ALEXANDRIA À LUZ DE SÓCRATES DE CONSTANTINOPLA E DAMÁSCIO

Prof. Dr. José Petrucio de Farias Junior (UFPI)

Resumo: Hipátia de Alexandria (355 e 415 E.C), matemática, filósofa, professora é reconhecida pela historiografia tardo-antiga como uma mulher sábia e influente dentro e fora de Alexandria a considerar seus aliados políticos como Orestes, prefeito de Alexandria, e Sinésio, bispo no norte da África. Notícias sobre seu assassinato foi objeto de reflexão de uma série de escritores tardo-antigos, tais como Sócrates Escolástico (séc. V), Filostórgio (séc. V), João Malalas (séc. VI), Hesíqio de Mileto (séc. VI), Damáscio (séc. VI), João de Nikiu (séc. VII), entre outros. Nesta comunicação, objetivamos compreender à luz do cristão niceno Sócrates Escolástico (ca. 379-450), a partir de sua *História Eclesiástica* (Livro VII), e dos fragmentos de *Vida de Isidoro*, preservados no *Suda*, do filósofo neoplatônico Damáscio (ca. 458- após 538), a construção de diferentes versões sobre o assassinato de Hipátia, tendo em vista o ambiente político-cultural e os diálogos interdiscursivos que possibilitaram a veiculação de diferentes narrativas sobre a morte da alexandrina. Neste estudo, consideramos a relevância das políticas episcopais alexandrinas e das relações de poder entre o bispo Teófilo e o prefeito de Alexandria, Orestes como potencializador do episódio que ceifou a vida da filósofa.

Palavras-chave: Hipátia de Alexandria, Antiguidade Tardia, Alexandria.



SIMPÓSIO TEMÁTICO 3

HISTÓRIA E RELAÇÕES DE GÊNEROS:
PERSPECTIVAS DE PESQUISAS E PRODUÇÃO DE
CONHECIMENTOS CONTEMPORÂNEOS NAS CIÊNCIAS HUMANAS

Profa Dra. Olívia Candeia Lima Rocha
Profa Dra Samara Mendes Araújo Silva

SIMPÓSIO TEMÁTICO 03

HISTÓRIA E RELAÇÕES DE GÊNEROS: PERSPECTIVAS DE PESQUISAS E PRODUÇÃO DE CONHECIMENTOS CONTEMPORÂNEOS NAS CIÊNCIAS HUMANAS

Profa. Dra. Olívia Candeia Lima Rocha (UFPI)
Profa. Dra. Samara Mendes Araújo Silva (UFPR)

A proposta desse Simpósio Temático é congregar estudos que contemplem discussões de gênero, onde esteja presente as relações de uma construção social e cultural que atravessa os mais variados âmbitos da vida social, perpassando, a corpo, os papéis e lugares sociais atribuídos aos indivíduos, que, enquanto sujeitos históricos, se envolvem com as questões relacionadas à sexualidade e à inserção em espaços públicos (re)definindo a representatividade e o protagonismo na sociedade contemporânea. As novas problematizações, metodologias e fontes de pesquisa resultaram em uma renovação dos mais diversos campos de pesquisa, com destaque para a História. Dentre as novas abordagens e produções de conhecimentos, destacam-se os estudos relacionados à História dos Gêneros, História das Mulheres, História das Masculinidades, História das Relações Sexuais, etc. Verifica-se também o questionamento da divisão sexual do trabalho e dos espaços e atividades considerados femininos e masculinos na família e na sociedade. Nesse sentido, os lugares sociais atribuídos ao masculino, ao feminino, as (con)figurações de masculinidade e feminino também são compreendidos como elaborações culturais. Enfatiza-se ainda, que o processo de transformações sociais e culturais na sociedade tem implicações na elaboração de subjetividades, tendo em vista que os indivíduos são portadores de desejos e aspirações, e que são capazes de exercer um papel ativo na produção de si mesmos e da imagem que desejam transmitir aos outros. Esse processo de subjetivação realiza-se também através da rejeição à modelos heteronormativos ou calcados na assimetria de relações entre homens e mulheres. Portanto, trata-se também de identificar as diferentes formas pelas quais realiza-se a produção de novas configurações de gênero a partir de iniciativas individuais e de ações coletivas, a partir dos estudos de uma variedade de fontes textuais, sonoras e imagéticas.





A MULHER E A SOCIEDADE, IRMÃS BASTARDAS? ANÁLISE CRÍTICA SOBRE O FEMININO NA OBRA “PERTO DO CORAÇÃO SELVAGEM” E O CONTO “A LEGIÃO ESTRAGEIRA”, DE CLARICE LISPECTOR (2019)

Francisca Cibele da Silva Gomes (UFPI)

Resumo: A autora Clarice Lispector (2019), sempre mostrou-se singular nas suas abordagens literárias, fazendo-se uso dos mais diversos temas do cotidiano para desenvolver reflexões sobre o indivíduo e a sociedade ou para consigo mesmo mesclando-se entre o imaginário do mundo irreal e os ditames que infringiam sua construção social. Nesse contexto, tem-se como objeto de estudo as questões femininas expressas e desenvolvidas a partir do contato com o mundo social presentes no romance “Perto do Coração Selvagem” e no conto “A Legião Estrangeira”, onde as personagens fazem uso de reflexões sobre si mesmo e o mundo exterior comungando com diversos problemas que tornam suas vidas indignantes. A partir da questão norteador em saber como o feminino foi abordagem nas produções narrativas supracitadas? E quais as reflexões acerca do interior humano e da vida contemporânea à época? Afortunadas em analisar as expressões íntimas e reflexivas sobre a vida das mulheres protagonistas e adjuvantes em suas relações com a realidade, a formação de preconceitos e as transformações a partir da reflexão dialética. Tendo como objetivos específicos: descrever as percepções mundanas e interiores das protagonistas, especificar a composição crítica pertence aos textos literários e esmiuçar a relação entre o mundo ficcional e os olhares femininos sobre a realidade palpável. A metodologia baseou-se na pesquisa qualitativa nas produções literárias supracitadas considerando uma análise bibliográfico em teóricos como Amparo (2013), Zilberman (2012), Pesavento (2008), entre outros que corroboram para no entendimento do literário feminina em questão enfatizou os aspectos cotidianos e intrínsecos ao Ser mulher, de modo que elaborou um movimento emancipatório pluralista na compreensão do mundo e de si mesmo na construção de uma teia de indagações e pensamentos críticos e reflexivos. Resultando ainda em compreender que a literatura ficcional corrobora com a apreensão do mundo onde o público feminino aspirar para si a sua própria construção da sociedade e buscam reaver de uma monotonia ao protagonismo ativo, questionador e intransigente acerca das suas dúvidas, medos, receios e aspirações dentro da sua realidade. Pode-se perceber que a compreensão dos textos literários também relaciona-se as aspirações críticas da autora em esmiuçar suas próprias interpretações subjetivas acerca do meio social fazendo-se uso das suas escrituras imagéticas, da composição dos enredos, dos personagens para expressar suas indignações, frustrações, arrependimentos e anseios de mudanças. A literatura mais uma vez torna-se uma irmã da musa Clio no seu ofício de narra a história, mas fazendo-se uso de metáforas, criações e recriações do imaginário, abrindo espaço para novas versões ainda não conhecidos da humidade e no caso da obra de Clarice Lispector, perpassa-se pelo psíquico das personagens femininas em suas descobertas estrangeiras e selvagens sobre si próprio e o mundo.

Palavras-chave: Clarice Lispector, Feminino, Sociedade.



AS ENFERMEIRAS DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA: A ATUAÇÃO E PERMANÊNCIA DE MULHERES NOS CONFLITOS ARMADOS

Maria Clara Lima De Oliveira (UFPI)⁵

Resumo: Este estudo tem como proposta analisar a trajetória das enfermeiras que atuaram junto a Força Expedicionária Brasileira no quadro de serviços médicos do Exército, tomando-as como objeto central na análise de um discurso propagandista mobilizador, na construção de representações e nos dispositivos de apropriações sobre a participação feminina no teatro das operações na perspectiva do trabalho exercido por elas, na primeira metade do século XX. Pretende-se com essa pesquisa evidenciar as repercussões sobre a participação feminina nesta corporação e destrinchar as nuances que as envolve a partir de dois diários publicados na forma de livros de duas enfermeiras da Força Expedicionária Brasileira que atuaram durante a Segunda Guerra Mundial e de um testemunho da enfermeira Berta Morais publicado em um livro juntamente com outros depoimentos de ex-combatentes. Considerando a circulação e publicação destes escritos como meio eficaz de construir uma narrativa que desse conta de elementos contraditórios que fazem parte da identidade dos indivíduos, utilizaremos, portanto, as análises teóricas e metodológica sobre escrita de si e estudos biográficos a partir de Ângela de Castro Gomes (2004) e Pierre Bourdieu (2006). Fazendo, portanto, uma reflexão sobre a memória enquanto suporte nos processos de identidade e como modalidade de representação social a partir das práticas cotidianas. Os registros das memórias dos indivíduos modernos são subjetivos, fragmentados e ordinários como suas vidas, assim os diários publicados na forma de livros exigem uma maior atenção na reflexão sobre as construções de representações, a circulação de tais livros e os dispositivos de apropriações. Os dois diários publicados na forma de livros em meados da década de 1980 buscam evidenciar a presença feminina enquanto enfermeiras militares, através do diário de viagem elas rememoram uma passagem de tempo considerada marcante, sendo importante para o entendimento de como se deu esse processo e as condições que essas mulheres foram se estabelecendo neste campo social (Exército) predominantemente masculino e as nuances desse processo aparentemente fixador dos papéis sexuais estabelecidos entre homens e mulheres. Neste novo campo social heterogêneo elas conviveram com homens e enfermeiras militares norte-americanos que além de terem uma outra formação já estavam há quatro anos na guerra, as enfermeiras brasileiras estando sob as ordens das enfermeiras norte-americanas tiraram proveito dessa relação de força enfrentando este novo universo completamente desconhecido. Desta forma integraram uma equipe multifuncional de brasileiros e estrangeiros com formação técnica e cultural diversa. Concluímos assim que ao fazerem o registro autobiográfico em diários de viagem estas sujeitas evidenciam o mundo que os cercam atribuindo-lhes significados especiais entrelaçado a suas vidas, ressaltando características excepcionais e elementos do cotidiano como sendo dignas de serem rememoradas.

Palavras-chave: Diário de Guerra. Enfermeiras, Força Expedicionária Brasileira.

⁵ Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí – UFPI. E-mail: mariaclaralima0923@gmail.com.



AS RELAÇÕES DE GÊNERO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E VIVÊNCIAS NO COTIDIANO ESCOLAR

Cristiane Pereira Lima - UEMS PROFEDUC

Resumo: A presente pesquisa visa descrever e analisar as relações de gênero a partir de práticas pedagógicas desenvolvidas em sala de aula com crianças na faixa etária entre sete e oito anos de idade, de uma turma dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Os dados foram analisados por meio das contribuições de teóricos do campo pós-estruturalista. Assim, a proposta buscou evidenciar como essas relações se constituem em uma escola da rede pública de Campo Grande/MS com o intuito de conhecer como os professores abordam essa temática em sala com as crianças, sobretudo como as práticas pedagógicas possibilitam aos educandos refletirem e se posicionarem em relação ao tema. O levantamento bibliográfico foi realizado no domínio público, revisando a gênese histórica das relações de gênero com a finalidade de promover um mapeamento de fontes das pesquisas publicadas no período de 2005 a 2016, acerca da trajetória educacional com foco em vivências de crianças. Isso porque se notou, preliminarmente, que existe pouca produção acadêmica que envolva o público estudado, o que nos leva a refletir sobre essa formação, especialmente no que tange a questões que envolvem as relações de gênero e práticas pedagógicas desenvolvidas no cotidiano da sala de aula. A partir dos resultados desta pesquisa, esperamos contribuir com os estudos de gênero no campo da Educação, possibilitando maneiras outras de conceber e lidar com essas relações no espaço escolar, distanciando-se, assim, da forma binária de ver o mundo, regulamentada pelo senso comum. Assim, este estudo poderá subsidiar uma prática pedagógica reflexiva e também a elaboração de políticas e programas no referido campo de investigação.

Palavras-chave: Anos iniciais do Ensino Fundamental, Relações de Gênero, Prática Pedagógica.



**“ATENTADOS PÓETICOS” À SEXUALIDADE: UMA LEITURA SOBRE A
“POESIA PROJÉTIL” DE JOMARD MUNIZ DE BRITTO**

Iago Tallys Silva Luz (UFPI)

Resumo: O presente estudo pensa sobre os campos da estética, performance e invenção dos corpos, figurados em torno de três poemas retirados do livro: *Terceira Aquarela do Brasil*, de 1982, escrito pelo professor e artista pernambucano Jomard Muniz de Britto. Com uma trajetória cultural marcada pela influência de sujeitos/movimentações de nomes como Paulo Freire, atuando no projeto de alfabetização de jovens e adultos – o que o leva a ser preso em 1964 e aposentado compulsoriamente da Universidade do Recife, atual Universidade Federal do Pernambuco e da Universidade Federal da Paraíba com o AI-5 em 1968 –, Glauber Rocha no campo do cinema e Caetano Veloso com as movimentações tropicalistas, analisamos os poemas intitulados: *Vamos trocar?*, *POEMA DE SETE FACES ou Pernalonga em sete fôlegos* e *O homem atrás do bigode*, enquanto fios condutores para investigar a relação entre a produção poética de tal sujeito imersa em suas conexões e influências culturais e as questões acerca de Corpo, Gênero e Sexualidades, em torno da própria figura do “sujeito nordestino”. Tais poemas são nossos fios condutores, para tentar responder questionamentos tais como: de que forma os poemas em foco, se relacionavam com as próprias vivências e as questões relativas à identidade de gênero do próprio Jomard Muniz de Britto? De que maneira nosso personagem relacionou a produção de poemas enquanto forma de (re)pensar questões a respeito do Corpo, Gênero e Sexualidades? E, por fim, sob que arquétipos podemos enxergar tais produções enquanto forma resistência à um modelo de sexualidade existente sob o espaço nordestino? No tocante ao anteparo teórico/metodológico a pesquisa é amparada em conceitos tais como: “literatura menor” por Deleuze e Guattari (2017), “nomadismo” por Margareth Rago (2008), “sujeito nordestino” por Durval M. de Albuquerque Júnior (2013a, 2013b) e “Gênero e Sexualidade”, relacionando autores como Michel Foucault (2020), Judith Butler (2015) e Guacira L. Louro (2000). Por fim, compreendemos a escrita, a poesia de Jomard Muniz de Britto, enquanto um discurso de si, como também enquanto reveladora, provocativa, de temas caros à sua época. Ou seja, nossos poemas analisados tanto falam do próprio autor, como dos sujeitos de sua época. Tanto é resistência a um modelo de conduta, de prescrição sobre os corpos e sexualidades, como possibilidade de “existência”, se pensarmos nas condições de existência, de vivência, no Nordeste do período, logo, sintetizamos tal dualidade, sua trajetória cultural de maneira mais geral, enquanto forma de res(ex)istência a uma sexualidade nor(destinada), ao maquinário de poder em si, que prescreve a “receita cultural” de sua época e espaço.

Palavras-chave: Corpo, Gênero, Sexualidades.



A VIOLÊNCIA CONTRA A POPULAÇÃO LGBTQIAPN+ E AS POLÍTICAS PÚBLICAS NO GOVERNO BOLSONARO (2018-2021)

Melissa Freitas Dias (UFPI)
Olívia Candeia Lima Rocha (UFPI)

Resumo: A violência contra corpos LGBTQIAPN+ no Brasil e no mundo é um problema gravíssimo, pois aqueles que sofrem essas agressões, quando não são vítimas fatais sofrem com cicatrizes físicas e problemas emocionais no decorrer da vida. O Brasil é o segundo país no ranking dos que mais matam homossexuais no mundo, ficando atrás apenas do México. Este trabalho busca, por meio dos relatórios do Grupo Gay da Bahia entre os anos de 2018 a 2021, analisar os casos de violência contra a população LGBTQIAPN+ durante o Governo de Jair Messias Bolsonaro. O Grupo Gay da Bahia é uma organização não governamental que anualmente disponibiliza em um sítio na internet relatórios referentes aos casos de violências contra a população LGBTQIAPN+ no Brasil, tendo como foco as mortes violentas motivadas por LGBTfobia. Essa organização exerce um papel fundamental na denúncia dos casos de violência contra a população LGBTQIAPN+ e na exigência de um compromisso mais significativo na punição e investigações de crimes contra esse grupo social. No ano de 2020, o relatório feito pelo Grupo Gay da Bahia constatou o número de 237 mortes violentas de LGBTQI+, verificando-se uma redução quando se compara aos dois anos anteriores. Dessas 237 mortes violentas, 161 eram Mulheres Trans e Travesti, 51 Gays, 10 Lésbicas, 3 Homens Trans, 3 Bissexuais e 2 Heterossexuais. O Grupo Gay da Bahia contabiliza também o assassinato de pessoas heterossexuais, assassinadas em decorrência de situações em que tentaram ajudar ou defender a vítima LGBTQIAPN+. Considera-se que essa diminuição de mortes violentas entre a população LGBTQIAPN+, tem relação com a pandemia da COVID-19, que resultou também em uma diminuição da exposição desse segmento social a situações de vulnerabilidade e violência nos espaços públicos devido as medidas de isolamento social. Além disso, verifica-se que o Governo de Jair Messias Bolsonaro foi marcado por retrocessos políticos e institucionais no que se refere ao combate à violência contra a população LGBTQIAPN+. Nesse sentido, menciona-se alterações em relação à competência do Conselho Nacional de Combate à Discriminação (CNCD), o qual foi instituído através do decreto Nº 7.388 de 9 de dezembro de 2010, no governo de Luís Inácio Lula da Silva, e tinha dentre as suas finalidades o combate à discriminação e assegurar os direitos da população LGBT. No entanto, durante o governo de Jair Messias Bolsonaro, tendo Damares Regina Alves, como ministra do Ministério de Estado da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, através do decreto nº 9.883, de 27 de junho de 2019, observa-se uma reformulação das competências do CNCD, com a exclusão de qualquer referência a políticas de proteção para população LGBTQIAPN+.

Palavras-chave: Violência, Políticas Públicas, LGBTQIAPN+.



**COM A BOCA NO MUNDO: HISTÓRIA, MÚSICA E GÊNERO NA OBRA DE
RITA LEE (1970-1980)**

Sabrina Thays Bezerra Santos (UFPI)
Pedro Pio Fontineles Filho (UESPI/UFPI)

Resumo: A música produzida e elaborada por Rita Lee está imersa, como todo produto humano, em um sistema de relações, dentre as quais as de gênero ganharam maior repercussão, não somente pelas suas músicas, mas por ser uma mulher que se destacou em um segmento musical com predominância da atuação masculina – o rock. Enfrentando esses paradigmas no meio musical e social essencialmente conservador, o presente estudo busca estudar os processos alternativos de subjetivação de Rita Lee e sua contribuição para o entendimento do ser mulher no Brasil nos anos de 1970 e 1980, revelando-se como uma figura feminina forte e de personalidade transgressora. Assim, o presente trabalho teve como objetivo principal compreender historicamente a vida e a obra da artista brasileira Rita Lee para, com esta compreensão, problematizar as condições históricas de existir no interior das quais a citada artista referenciou, para toda uma geração, as noções de corpo, gênero, sexualidade, juventude e família entre as décadas de 1970 e 1980 no Brasil. Além disso, tomar Rita Lee como um signo histórico, através do qual se procurará derivar a história da classe média brasileira no período em estudo, buscou-se indagar sobre o processo de recepção da arte de Rita Lee tanto pela crítica de música como pelo público em geral, desenvolver estudos teóricos sobre as categorias juventude, sexualidade, família, gênero e indagar sobre as condições de fazer e consumir arte no Brasil da ditadura militar. Dessa forma, buscando discutir as relações de corpo, gênero e sexualidade serão revisados os seguintes autores: Carla Bassanezi Pinsky (2012), Mary Del Priore (2011), Rachel Sohiet (1997) e Joan Scott (1992). Referentes às discussões de Biografia e Autobiografia, serão utilizados autores tais como Schmidt (2000), Ricouer (1994) e Bourdieu (1986). No tocante às discussões sobre História e Música, serão utilizadas as proposições de Marcos Napolitano (2006, 2005) e Ana Maria Bahiana (2005), Paulo Chacon (1982) e Tatit (2004). Além da revisão bibliográfica citada, foram levantadas análises de sua autobiografia, entrevistas disponíveis na internet, assim como leituras e interpretações de reportagens disponíveis em revistas digitais com o objetivo de analisar a trajetória musical e vida pessoal da cantora Rita Lee. Dessa forma, considera-se que sendo dotada de uma transgressão orientada, Rita Lee consegue, através de suas canções, elencar novas formas de ser mulher, o que se evidencia como uma forma de ligação na construção de novos padrões de corpo, gênero, sexualidade, família e juventude, tornando-se assim um símbolo de representatividade.

Palavras-chave: História, Música, Gênero.



ESCRITAS DE AUTORIA FEMININA PELO DIREITO DAS MULHERES PARTICIPAREM DA VIDA RELIGIOSA DURANTE A REFORMA PROTESTANTE NO SÉCULO XVI

Gislaine Machado (UFPR)

Resumo: A Europa quinhentista foi cenário de diversas transformações, promovidas principalmente pelo Humanismo renascentista e pelos movimentos religiosos da época, como a Reforma Protestante. A Reforma Protestante sempre foi conhecida por ser um movimento masculino, levado e disseminado por seus reformadores homens, Lutero e Calvino. No entanto, muitas mulheres lutaram para que a nova religião fosse aceita e respeitada. Neste sentido, Marie Dentièrre (1495-1561), uma ex-freira e convertida à nova religião, escreveu uma carta, intitulada “*Epistre tres utile, faicte et composee par une femme chrestienne de Tornay, envoyee a la Reyne de Navarre, soeur de Roy de France, contre les Turcz, Juifz, Faux crestiens, Anabaptists et Lutheriens*, em 1539 e a enviou à rainha Marguerite de Navarra, irmã do rei da França, Francisco I, para que esta intervisse junto às autoridades pela religião protestante. Mas, além de pedir esta aceitação da religião reformada, Marie também pediu a maior participação das mulheres dentro da nova religião, assim como pediu que elas fossem respeitadas por seu gênero. Desta forma, pretende-se explorar o lugar das mulheres como participantes ativas no contexto da Reforma, não apenas como espectadoras passivas, mas também como propagadoras do ideal reformador cristão. Para esta análise, foi utilizada a metodologia de cartas de Teresa Malatian, na qual ela propõe que a análise epistolar seja feita como uma análise sobre a própria pessoa, em que esta reflete sobre a sua vida particular e o mundo em que está inserida, assim como os motivos que a levou a escrever. Assim, percebe-se que Marie Dentièrre ambicionava uma maior participação feminina dentro da Reforma Protestante, e se utilizou da escrita como modo de expressar suas ideias e reivindicar justiça para as mulheres de seu tempo. Usando seus conhecimentos bíblicos devido sua formação conventual, ela usa modelos de mulheres exemplares para mostrar que as mulheres poderiam ser honradas quando se tratava da religião. Pela escrita, ela lutou para que as mulheres pudessem participar, escrever ou falar da religião sem sofrerem repressão das autoridades (católicas ou protestantes). Além disso, ela utilizou a escrita não apenas para tratar dos acontecimentos históricos da época, mas também como maneira de divulgar a fé protestante, fazendo uma propaganda do movimento àqueles que não tinha coragem de se converter por medo das represálias. E é pela escrita que ela exerceu protagonismo religioso e cultural ainda nos primórdios da Reforma, defendendo o que pensava e se colocando como sujeito ativo aos acontecimentos na França do século XVI, período em que a opinião feminina não era considerada em assuntos públicos.

Palavras-chave: Mulheres na Reforma Protestante, Escrita de autoria feminina, Gênero.



ESTADO DO CONHECIMENTO: FORMAÇÃO HUMANA NO ESPAÇO DOS GRUPOS REFLEXIVOS

Aleandro Rodrigues (PUCGoiás)

Lúcia Helena Rincon Afonso (PUCGoiás)

Resumo: Trata-se neste artigo de realizar uma busca de produções acadêmica sobre formação humana nos espaços dos grupos reflexivos a pauta foi localizar trabalhos apoiados em um instrumental teórico que revele a dimensão social do objeto pesquisado, enriquecendo e transformando, em uma relação mútua, o pesquisador. A produção se justifica pela necessidade de notar se o que vem sendo produzido no campo acadêmico pode contribuir com a pesquisa que se pretende. A pretensão foi analisar e selecionar produções que ajudem esclarecer de que modo acontece a formação para a cidadania, para o respeito aos direitos humanos, nas ações desenvolvidas nos espaços dos Grupos Reflexivos. Com um olhar orientado pelo materialismo histórico dialético, a caminhada consistiu em buscas, seleções e refinamentos de produções acadêmicas constantes em bancos de dados digitais, que deram forma a um Estado do Conhecimento. As discussões se constituíram em torno das vinculações do que fora levantado referente à temática da formação humana nos espaços dos grupos reflexivos para autores da violência contra as mulheres. Como resultado observou-se o elo de 05 (cinco) trabalhos com a pesquisa que está sendo construída. São produções capazes de contribuir com o debate sobre a temática, embora com objetos de pesquisa diferentes da pesquisa que vem sendo desenvolvida. É um trabalho que acrescenta um panorama sobre o que vem sendo produzido no campo e que é capaz de servir de base para a investigação deste pesquisador.

Palavras-chave: Grupos reflexivos, Violência contra as mulheres, Formação humana.



FACES DOS CORPOS MARCADOS NA HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE: MÍDIAS DIGITAIS E A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NO MARANHÃO

Jennyfher Lourena de Oliveira Silva (UEMA/Bolsista -FAPEMA)

Jakson Dos Santos Ribeiro (UEMA)

Resumo: O presente resumo aponta os resultados obtidos a partir do problema de pesquisa desenvolvido na pesquisa, intitulado: Corpos Marcados na História do Tempo Presente: mídias digitais e a violência contra a mulher no Maranhão. Assim buscamos identificar quantos casos de violência contra mulher no Maranhão foram divulgados pelas mídias virtuais/jornais/blogs e redes sociais, dentro do recorte temporal 2016 A 2020, como a forma discursiva que tais chegaram nesses meios comunicacionais. Nesse sentido, o primeiro momento da pesquisa se estabeleceu em capturar os casos noticiados, os meios em que foram divulgados e as cidades em que ocorreram os casos. O desenvolvimento da pesquisa foi realizado, a luz da teórica das questões apontadas pela metodologia da Análise do Discurso, principalmente por proporcionar uma leitura das notícias selecionadas, mas também por ser um método que impulsiona uma investigação mais articulada dos elementos que compõe o texto, visto que a forma como se narra, apontam as percepções do lugar social e representação desses casos. Destarte a essa questão, Saffioti e Almeida (1995) expõem que a violência masculina contra a mulher se inscreve nas vísceras da sociedade com supremacia masculina. Assim, a violência manifesta-se no físico assim como em todas aquelas formas nas quais se oprime, impossibilita ou se violam as garantias individuais das pessoas. Por que motivo, observa-se que todas as definições, concordam que a violência é qualquer ato exercido contra a dignidade da mulher, independentemente de suas origens. Para Saffioti (2004) a desigualdade, longe de ser natural, é posta pela tradição cultural, pelas estruturas de poder, pelos agentes envolvidos na trama das relações sociais. Nas relações entre homens e entre mulheres, a desigualdade de gênero não é dada, mas pode ser construída, e o é com frequência. Nestes termos, gênero concerne, preferencialmente, às relações homem mulher. A violência de gênero é, talvez, a mais preocupante forma de violência, porque, literalmente, a vítima, nesses casos, por absoluta falta de alternativa, é obrigada a dormir com o inimigo. É um tipo de violência que, na maioria das vezes, ocorre onde deveria ser um local de recesso e harmonia, onde deveria imperar um ambiente de respeito e afeto, que é o lar, o seio familiar. Os casos de violência, registrados em nossa coleta de dados foram estabelecidos a partir dos registros encontrados nos portais digitais existentes no Maranhão, dentro do recorte temporal estabelecido em nossa pesquisa. Assim, inicialmente iremos apresentar as notícias encontradas, tipificando o portal usado para divulgação da notícia, o ano, a cidade, como também a forma utilizada por esse meio de comunicação para que a notícia fosse divulgada.

Palavras-chave: Violência, Mulher, Netnografia.



LOCALIZAÇÃO DO MERETRÍCIO: ZONEAMENTO EM CAXIAS DO SUL – RS EM 1940-1950 ATRAVÉS DO JORNAL PIONEIRO

André Luiz Paz (UFSM)

Resumo: O presente trabalho faz parte da análise do periódico regional “Pioneiro” (1948-atualmente) de Caxias do Sul - RS referente a minha pesquisa de mestrado sobre o funcionamento do comércio sexual na cidade a partir do jornal. O recorte temporal proposto nesse resumo é o do final da década de 1940 e início da década de 1950, nas primeiras edições do periódico, quando a questão da localização do meretrício na cidade gerava notas e notícias. Para interpretação do Pioneiro é necessário mencionar, segundo Pozenato e Giron (2004), que durante sua criação em 1948 até 1981 pertenceu ligado a membros da antiga Ação Integralista Brasileira, deve-se a isso o caráter anticomunista, moralista e conservador de suas publicações. O objeto desse resumo é abordar como o periódico foi utilizado como um mecanismo discursivo na divisão arquitetônica da cidade, sendo um dispositivo de divulgação pessoal da opinião dos editores, de pressão social por setores da sociedade e espaço de resposta por parte de autoridades. Nesse sentido, a metodologia utilizada foi a de análise documental buscando compreender como a existência do nominado “meretrício” foi retratada nessa imprensa. Logo em suas primeiras edições, o jornal se colocava enquanto modelador de ideias, aferidor de opiniões e orientador da consciência coletiva. Nesses termos, reconhecia-se como uma ferramenta de auxílio na resolução de questões sociais, fazendo menção ao meretrício como um dos problemas a serem solucionados. A cidade passava por um processo de desenvolvimento industrial, com zonas residenciais próximas as fabricas e comércios. A existência das casas de meretrício e das próprias meretrizes nessas regiões destoavam da imagem familiar e desenvolvimentista da cidade que o jornal e as autoridades buscavam construir. Tal fato é expressado no final da década de 1940, quando os editores denunciavam a existência dessas casas na rua Montaurí. O jornal não só noticiou a produção de um abaixo assinado produzido pelos moradores e enviado para a Câmara de Vereadores, como concedeu espaço para que o Padre Mariano Bonatto, diretor do Abrigo São José localizado naquela rua, pressionasse uma ação radical das autoridades sobre o meretrício em zonas residenciais no centro urbano. Mais tarde, a resposta do delegado de polícia Pedro Tassis Gonçalves enviada para a Câmara, também foi publicada no jornal, em suas palavras a resolução do problema se daria através da transferência do meretrício para uma determinada localidade, distante do crescente comércio e das residências. Esse breve acontecimento, presente nas primeiras edições do jornal, é algo representativo do contexto de funcionamento da economia sexual que se formaria na cidade. O envolvimento da população e de personagens ligados a autoridade policial e religiosa na busca de higienizar a cidade, contendo e disciplinando a prostituição numa região delimitada, ou seja, zoneando as meretrizes e o meretrício.

Palavras-chave: Cidade, Meretrício, Economia Sexual.



“¡MADRES! ENSEÑAD TODAS ESTAS VERDADES A VUESTROS HIJOS”: PERCEPÇÕES DE MATERNIDADE ATRAVÉS DO PERIÓDICO LA VOZ DE LA MUJER (1896-1897)

Gabriela Schwengber (UFSM)

Resumo

O presente trabalho possui enquanto objetivo analisar os principais modelos de maternidade presentes nas publicações do periódico *La Voz de La Mujer*. Tal periódico foi organizado e publicado por um grupo de mulheres anarquistas em Buenos Aires - Argentina, de 1896 a 1897, enquanto forma de propor debates a respeito das especificidades de ser mulher e trabalhadora em tal contexto social. Desta forma, configurou-se enquanto espaço para a denúncia de desigualdades marcadas pelo gênero como a inferioridade salarial, os assédios sexuais nas Igrejas e fábricas, as violências nos casamentos, assim como expor a falta de apoio dos homens anarquistas na causa da “emancipação feminina”. Também detiveram-se a temáticas mais amplas do movimento anarquista, escreveram críticas à Igreja católica (anticlericalismo) e ao militarismo (antimilitarismo), e manifestos sobre a necessidade de uma transformação social da classe trabalhadora e a relevância da educação para este contexto. Logo, o *La Voz de La Mujer* configura-se enquanto fonte desta pesquisa e a metodologia utilizada foi a análise documental. Através do desenvolvimento das leituras e análises dos seus escritos, foi possível traçar três principais modelos de maternidade nos mesmos: o primeiro deles é a maternidade exercida pelas mulheres burguesas, que possuíam todas as condições materiais ideais para prover aos seus filhos/as, sem preocupações. A esposa do burguês também é mencionada enquanto fútil e que tem acesso a uma sexualidade com mais prazeres, colocada pelas redatoras enquanto algo negativo, devido a uma suposta banalidade. O segundo modelo é referente as mulheres influenciadas pelas normas e perspectivas da Igreja, que criam suas crianças no catolicismo, sem questionar os impactos, intensões e ações da instituição. Estas mães são frequentemente estereotipadas enquanto ingênuas, visto que ao longo das edições as redatoras do periódico dedicam-se a denunciar os assédios sexuais cometidos por membros da Igreja. E o terceiro modelo, é da maternidade pelo viés das mulheres anarquistas. Colocadas enquanto mulheres críticas, com maior consciência social, que possuem o dever de educar cada vez mais a si mesmas, para propiciar uma melhor educação a suas crianças. Foi possível observar que apesar destas mulheres anarquistas tecerem críticas a respeito das maternidades das mulheres burguesas e àquelas com vínculos com a Igreja, a responsabilidade pelo cuidado, criação e educação dos filhos e filhas, em todos os casos, recaía unicamente nas mulheres. Não são mencionadas responsabilidades ou críticas referentes a paternidade em suas publicações. Logo, as mulheres libertárias do *La Voz de La Mujer*, apesar de proporem a construção de outra sociedade através do anarquismo e romperem com diversos aspectos e normas sociais, reforçam os discursos e teorias que ganharam força durante o século XIX, que propõe a maternidade e o cuidado enquanto algo instintivo às mulheres.

Palavras-chave: Maternidade, Mulheres anarquistas, História do anarquismo.



MÃES E FILHAS – EDUCAÇÃO NOS LARES MENONITAS: CULTURA E TRADIÇÕES DAS FAMÍLIAS DESCENDENTES DE IMIGRANTES RADICADOS NO PARANÁ (1970-1980)

Eliane Maass Cirqueira (UFPR)

Dr^a Samara Mendes Araújo Silva (UFPR)

Resumo: A presente pesquisa tem como objeto de estudo a educação e a transmissão da cultura menonita entre mães e filhas nas décadas de 1970 e 1980 em Curitiba. Os menonitas são parte de uma comunidade formada no contexto da Reforma Protestante que defendia o batismo de adulto e uma disciplina cristã vivida num ambiente de comunidade. Esse grupo migrou da Europa para o Brasil no início do século XX e uma parte deles se instalou nos bairros Boqueirão e Xaxim, em Curitiba, Paraná. O objetivo da minha pesquisa é entender como as mulheres da segunda geração desse grupo assimilaram os ensinamentos menonitas e os transmitiram à terceira geração. Busco entender a sua estrutura familiar e investigar quais eram as práticas relacionadas à comunidade menonita. Nesse sentido, observar como os valores éticos e morais eram transmitidos da comunidade para a família. E, por fim, observar como se davam as práticas educativas, tendo a influência do ensino em uma escola menonita. Como método de pesquisa irei analisar fontes como periódicos dos anos 1970 e 80 e documentos produzidos pelos próprios menonitas como o editorial Bíblia e Arado, além de livros comemorativos da imigração menonita no Brasil em comemoração aos 50 e aos 80 anos no Brasil. Dentre os documentos materiais incluo na listagem a ser investigada objetos pessoais e de uso doméstico e afins para compreender melhor o cotidiano dessas mulheres. Aplicarei um questionário com as mulheres menonitas que eram mães nas décadas de 1970 e 1980 e, na sequência, farei as entrevistas com as mulheres que se encaixarem no perfil da pesquisa. A pesquisa está dentro de um referencial teórico que circula entre a história das mulheres, a história da educação e a história cultural. Dentro da História Cultural pautarei a pesquisa nos estudos de práticas cotidianas e tradições em autores como Michel de Certeau e Eric Hobsbawm. A história da educação aqui transborda os limites da escola e busca entender as aprendizagens vivenciadas nas relações familiares e de comunidade e nas práticas informais de transmissão de valores. E no campo da história das mulheres estudarei as mulheres nas décadas de 1970 e 80, fazendo uma análise comparativa das mulheres menonitas e das mulheres da sociedade brasileira, a fim de identificar as mudanças e semelhanças entre esses grupos. O resultado esperado dessa pesquisa é descrever as práticas cotidianas das mulheres menonitas e a sua transmissão à geração seguinte, pautadas em valores cristãos e numa herança cultural relacionada ao idioma alemão e a história menonita.

Palavras-chave: Educação, Mulheres, Cultura.



O CORPO GORDO E IDENTIDADE: UMA ANÁLISE DA PERSONAGEM MARIA LUÍSA NA OBRA A GORDA, DE ISABELA FIGUEIREDO

Atos Daniel Pereira da Silva (UESPI)

Resumo: A obra ficcional *A gorda* da escritora Isabela Figueiredo foi publicada em Portugal no ano de 2016, aborda de forma particular as memórias de Maria Luisa, uma garota moçambicana que se muda para Portugal. E, da mesma forma, temas de adoração ao corpo, no quais abordam opressões sociais sobre a estética que rege o corpo feminino. De tal modo, ao longo da obra, Maria Luisa é forçada não somente a aprender a habitar um novo país, mas também a enfrentar seu corpo e o que ele exprime para a coletividade, confrontando ainda a as realidades da vida, como trabalho, estudos, relações afetivas e a sua relação com pais e amigos. O presente trabalho bibliográfico buscou compreender as questões de identidade e corpo existentes no romance *A Gorda*, da jornalista e escritora portuguesa Isabela Figueiredo. Objetivamos discutir as questões de corpo e identidade gorda resultante da pressão estética praticada pela sociedade ocidental sobre corpos socialmente lidos como femininos. Neste trabalho propormos a seguinte questão: de quais formas a identidade gorda de Maria Luisa é construída na obra? Assim, objetivando entender como essa identidade dialoga com outras linhas temáticas da narrativa, tais quais, corpo, gênero, pressão estética, perseguições e imposições opressivas ao corpo feminino, assim objetivando entender como essas temáticas influenciam na construção de identidade gorda da personagem. Apoiando-se nos escritos de Teresa de Lauretis (1994) e Malu Jimenez (2020), foi possível identificar que a identidade gorda de Maria Luisa é construída por meio de repreensões por parte de sua genitora, por comparações a corpos magros, como o de sua amiga Tony, e o afeto de vergonha por parte de seu amado, David. Deste modo fazendo uma relação entre identidade gorda, corpo, gênero e pressão estética, revisitando a ideia de que corpos lidos socialmente como femininos precisam estar em padrões estéticos de beleza. Por toda a extensão da elaboração deste trabalho, buscou-se captar os tópicos arrazoados na narrativa são de intensa pertinência para a contemporaneidade. A proposta deste estudo que teve como escopo central de pesquisa a obra analisar a identidade de sujeita gorda da personagem Maria Luísa. As proposições fundamentais da narrativa que tratam das relações sociais da representação material da personagem Maria Luisa no mundo, também suscitam importantes reflexões sobre a soberania sobre o corpo feminino. Deste modo, buscou-se fazer um diálogo entre identidade gorda, corpo, gênero e pressão estética, reincidindo na ideia de que corpos lidos socialmente como femininos precisam estar em padrões estéticos de beleza para agradar o prazer visual de sujeitos masculinos.

Palavras-chave: Identidade gorda, Corpo gordo, Corpos femininos.



OS DISCURSOS SOBRE O FEMININO NO BRASIL DO SÉCULO XIX E XX: RUPTURAS E PERMANÊNCIAS

Dryeli de Jesus Coelho (UFMA)

Resumo: O presente trabalho surgiu a partir da minha pesquisa monográfica desenvolvida durante a graduação, a qual parte da temática versava sobre o ideal de mulher do fim do século XIX. No mestrado, meu interesse pela pesquisa passou a ser a segunda metade do século XX. Todos esses marcos temporais investiram-me de muitas inquietações, entre elas, a de que ainda no século XXI temos discursos do século XIX que sobreviveram às profundas transformações do século XX, sobretudo para a situação feminina. Desse modo, a justificativa deste trabalho impera sobre a necessidade de análise dos discursos do século XIX e XX, a fim de que se entenda a sua força e, como em nossos dias, eles ainda podem se fazer presentes. Assim é que os objetivos deste trabalho são: analisar o discurso sobre o feminino no século XIX e XX; e perceber as rupturas e permanências dos discursos entre os dois momentos. A metodologia utilizada consiste na pesquisa bibliográfica de livros que escreveram direta ou indiretamente sobre o tema, e na pesquisa documental com as revistas *Manchete* (1961-1980) e o *Cruzeiro* (1941-1970). A análise dos dados obtidos nas revistas se fez por meio da análise do discurso, demonstrando a relação entre linguagem, história e a sociedade, tendo por base a teoria dialógica do discurso de Mikhail Bakhtin, mas também a partir da análise de gênero de Joan Scott. A partir da análise feita, foi possível verificar que os discursos do século XIX sobre o feminino, sobretudo aqueles que diziam como elas deveriam ser e agir no casamento ainda eram muito latentes na segunda metade do século XX, mesmo com os movimentos emancipatórios que se iniciam durante os anos de 1960. Assim é que, durante os anos de 1950 as revistas ainda abordavam o desejo feminino pelo casamento e como elas deveriam se comportar nessa instituição, nas revistas dos anos de 1980, é perceptível que os homens até estão abertos às mudanças, mas imbuídos do pensamento daquilo que pode o homem e aquilo que não podia a mulher. Há que se pontuar, entretanto, que já nas revistas dos anos de 1950 há o questionamento do discurso que colocavam as mulheres em situação de inferioridade, nas revistas dos anos de 1960-69, começam os discursos de ênfase na vida profissional, nas revistas dos de 1970, por sua vez, é possível perceber cada vez mais a nudez feminina, quem sabe como um sinal de independência que esses corpos estavam passando a viver. Em suma, o trabalho pôde verificar que os discursos sobre o feminino passaram por transformações, algumas vezes, entretanto, com rupturas, e outras com algumas permanências.

Palavras-chave: Discurso, Feminino, Gênero.



SENTENCIADA AO SILÊNCIO: REPRESENTAÇÕES DE UMA VÍTIMA DE FEMINICÍDIO EM UM PROCESSO CRIMINAL DE 1972, EM PARANAGUÁ

Bárbara Bombasar Faria (UNESPAR)

Kety Carla De March (UNESPAR)

Resumo: A presente pesquisa acompanha a narrativa produzida ao longo de um processo criminal marcado pela violência de gênero, em que a vítima foi morta dada sua relação com o réu. Tal relacionamento é minuciosamente destrinchado ao longo das páginas do processo, nos apresentando a modelos normativos e a modelos marginalizados na ótica daquela sociedade. Nossa perspectiva parte do gênero enquanto categoria de análise histórica, baseado nos trabalhos da historiadora Joan Scott (1992), se contrapondo aos papéis normativos atribuídos a mulheres e homens, determinados biologicamente, ao buscar compreender sua ocorrência enquanto produções culturais e sociais, marcadas por sistemas de poder. A peça processual abordada trata de um feminicídio ocorrido no início da década de 1970, na comarca de Paranaguá-PR, lugar para o qual nossos personagens viajaram durante o feriado de páscoa, em 1972. Analisamos a criação de representações e como estas rompem ou se assemelham aos modelos disciplinares de masculinidades e feminilidades, conforme Albuquerque Jr (2010). Como historiadores, observamos a natureza da racionalidade por trás da violência (FARGE, 2011), assim como as estratégias empregadas pelas partes – defesa e acusação –, procurando chegar à verdade jurídica (FOUCAULT, 1992), que se nutre dos papéis normativos de gênero. Nosso trabalho com a fonte judiciária foi guiado pelas historiadoras Marisa Corrêa (1983) e Keila Grinberg (2009), sendo o processo-crime uma fonte oficial, e serializada – com uma estrutura padrão –, repleta de trajetos possíveis de se aprofundar. A peça foi selecionada dentre um rol documental de 71 outros processos criminais estudados, todos armazenados pela Primeira Vara Criminal da Comarca de Paranaguá e classificados como violência de gênero. No documento, identificamos a produção de representações dentro da ficção processual empreendida, que buscam se apropriar do resultado final da narrativa. Analisamos os discursos empregados no caso, e somos introduzidos a uma vítima eternamente silenciada e representada de duas maneiras opostas. A defesa busca romper com a feminilidade da vítima, lhe associando a valores negativos para a sociedade em relação ao modelo disciplinar feminino. A argumentação se pauta, portanto, em demonstrar como o réu teria atuado na proteção legítima de sua honra, esta maculada pela vítima. Em contrapartida, a acusação se volta a testemunhas que atestem o caráter de uma mulher respeitada, trabalhadora e livre de vícios condenatórios. Porém, ao final, o que temos é a credibilidade voltada a uma defesa sem provas ou testemunhas, contando apenas com a palavra do homem acusado de assassinar sua esposa. Nesse trabalho, acompanhamos como a morte de Ana torna-se um ato legitimado pela honra, e movido pelo ciúme.

Palavras-chave: Gênero, Processo-crime, Violência.



SOBREPUJADA EM PROL DAS RELAÇÕES FAMILIARES (PARANAGUÁ, 1970)

Layla Chaenny da Silveira Policarpo (UFPR)

Kety Carla de March (UNESPAR)

Resumo: Na presente pesquisa analisamos a violência de gênero a partir de processos de lesões corporais contra mulheres que foram produzidos pela Justiça de Paranaguá na década de 1970. A partir das narrativas dos envolvidos (agredida, acusado e testemunhas) e declarações dos atores jurídicos (Advogado, Promotor e Juiz), buscamos compreender aspectos relativos ao fenômeno da violência de gênero e a produção de modelos normativos quanto aos papéis de gênero que são desempenhados por homens e mulheres. A pesquisa fundamentou-se em recortes como o de gênero e classe. O primeiro, foi abordado a partir de Joan Scott (1992), ou seja, gênero é tomado aqui como fenômeno social e como categoria de análise, recusando as justificativas biológicas de subordinação feminina e dominação masculina, bem como a naturalização das assimetrias de gênero de relações sociais marcadas por sistemas de poder. O segundo recorte, diz respeito ao perfil dos envolvidos na trama, focamos assim na violência que incidiu sobre as mulheres pobres, a partir da compreensão de Rachel Soihet (2018). As fontes permitem acessarmos modelos de masculinidades e feminilidades disponíveis para aquele contexto. Keila Grinberg (2009) e Mariza Corrêa (1983) nos auxiliam a entender as especificidades do trabalho com processos-crime, levando em conta que os discursos não nos chegam em estado puro, suas narrativas são manuseadas e transcritas pelos “manipuladores técnicos”. Além disso, como trabalhar com as versões, buscando padrões discursivos nas narrativas que nos aproxime da normatividade, o que é complementado a partir da análise foucaultiana do discurso. Compreendemos então, que estes discursos não são simplesmente a transcrição dos acontecimentos, mas tomamos como a materialidade da própria realidade, mas sempre alertas pelos jogos estratégicos que permitem certos discursos e exclui outros em determinado momento histórico. Levando em consideração que as fontes não foram produzidas para serem fontes para a história e que as narrativas presentes nas peças processuais dizem respeito a indivíduos do seu tempo, o presente trabalho identifica discursos legitimadores da violência de gênero, minimizada quando família e casamento tomam espaço ao longo do processo. Ou seja, constatamos que 9 de um total de 11 processos apresentaram violência contra mulheres legitimadas em prol da manutenção de estruturas familiares, exemplificando percursos judiciais que articulam família e violência inocentando os réus, nos mostrando a conivência do Estado diante da violência de gênero. Para isso, fazemos a análise de um caso exemplar, selecionado por exemplificar as questões apresentadas que são comuns nos processos contemplados para a pesquisa.

Palavras-chave: Gênero, Violência contra mulheres, Discursos legitimadores.

A stylized, colorful illustration in the background. It features several figures: a woman with long blonde hair on the left, a man with dark hair in the center, and a woman with dark hair on the right. There are also stylized flowers in shades of orange, red, and purple. The overall style is flat and modern.

SIMPÓSIO TEMÁTICO 4

O ENSINO DE HISTÓRIA E AS RELAÇÕES DE GÊNERO: ARTICULAÇÕES PARA UMA FORMAÇÃO HISTÓRICA PLURAL

Profa Dra Joseanne Zingleara Soares Marinho

Profa Ana Karla da Silva Cruz

Profa Helen Pabline Leal Conceição

SIMPÓSIO TEMÁTICO 04

O ENSINO DE HISTÓRIA E AS RELAÇÕES DE GÊNERO: ARTICULAÇÕES PARA UMA FORMAÇÃO HISTÓRICA PLURAL

Profa Dra Joseanne Zingleara Soares Marinho (ProfHistória/ UESPI) e (PPGHB/UFPI)
Profa Ana Karla da Silva Cruz (ProfHistória/ UESPI)
Profa Helen Pabline Leal Conceição (ProfHistória/ UESPI)

O saber na história é resultado de demandas que estão vinculadas ao cotidiano, com isso torna-se emergente a existência da articulação da produção do conhecimento considerando-se o que é efetivamente vivido, condição que Jörn Rüsen (2007) identifica como formação histórica. Nesse sentido, professoras e professores precisam ser capazes de investigar os problemas que estão presentes no cotidiano escolar, visando mobilizar conhecimentos e procedimentos para a proposição de intervenções qualificadas no processo de ensino- aprendizagem discente (CAIMI, 2009). A partir dessa perspectiva, é que o Simpósio Temático tem como objetivo apresentar, discutir e avaliar as relações que se estabelecem entre o ensino de História e as questões de gênero no espaço escolar como inerentes às novas demandas e condições sociais contemporâneas vividas por alunas e alunos nos ambientes de interação com caracteres público e privado. Para isso, é necessário considerar que as configurações estabelecidas em torno do tema devem adquirir uma dimensão que incorpore não somente mulheres e homens, mas também as categorias LGBTQIA+, que são frequentemente invisibilizadas no debate. Além disso, é imperativo (re)conhecer as práticas de ensino de História que ensaiam abordagens em que a categoria de gênero e as suas interseccionalidades, conforme o significado apontado por Carla Akotirene (2019), estão presentes por meio de marcadores sociais como questão racial, setor econômico, religião e geração. Nesse sentido, a intenção é contribuir para o redimensionamento da disciplina História em um sentido plural, considerando-se a reprodução de uma hierarquia entre os saberes e a produção do conhecimento histórico que ainda compõem afirmativamente o prosclênio.





AS TRAJETÓRIAS DAS MULHERES DO CANGAÇO NO ENSINO DE HISTÓRIA: NOVAS PERSPECTIVAS DE ABORDAGENS SOBRE O AMBIENTE RURAL

Ana Karla da Silva Cruz (UESPI)⁶

Joseanne Zingleara Soares Marinho (UESPI-UFPI)⁷

Resumo: O objetivo do trabalho é analisar como as mulheres do campo são deixadas à margem das discussões no ensino de história mesmo quando se trata dos fatos ocorridos no cangaço durante os anos de 1917, com a invasão liderada por Anésia Cauaçu sobre Jequié, na Bahia, à 1938 com o falecimento de Maria Déa (chamada de Maria Bonita após sua morte). Diante da perspectiva de visibilização e promoção da efetivação dos Direitos Humanos, é fundamental o papel de uma educação plural, integrando mulheres do campo, nordestinas e suas singularidades nos mais diversos contextos, aqui especificamente, no âmbito do Brasil nos 40 primeiros anos da república. Para isso, apontaremos a dicotomia entre o mundo rural e o mundo urbano, bem como as singularidades das mulheres do meio rural e a importância da literatura de cordel para a construção das narrativas das suas histórias de vida no cangaço, fonte que proporciona familiaridade com o espaço vivenciado por essas mulheres, tais como o ambiente sertanejo e as características linguísticas próprias do nordeste brasileiro. Nesse sentido, deve-se considerar o processo de invisibilização das mulheres do campo que viveram entre os anos de 1917 e 1938 dentro do ensino de História na educação básica nas salas de aula brasileiras. Essas mulheres, distantes dos centros urbanos, da escolarização e da circulação de ideias vigentes na passagem do século XIX para o século XX, tendo os grandes centros urbanos como São Paulo e Rio de Janeiro como palcos dessas reivindicações, ficaram relegadas às suas estruturas familiares rígidas e demais regras sociais que demoraram mais tempo para serem colocadas em perspectiva de mudança. No entanto, considerando as existências femininas plurais, é importante identificar o processo histórico rural que tornou possível a atuação das mulheres no cangaço nordestino, conhecido sobretudo por meio de personagens marcantes como Maria Bonita, Anésia Cauaçu e Dadá, identificadas por suas histórias de vida permeadas por ideias e práticas que não faziam parte da trajetória tradicional feminina. Na metodologia será utilizada uma bibliografia teórica e historiográfica que servirá para a análise das fontes primárias: obras da literatura de cordel, imagens e notícias de jornais. Como resultado, esperamos assim contribuir para a construção de novas perspectivas na abordagem das narrativas históricas acerca da história das mulheres do campo, proporcionando olhar atento que vislumbre suas sociabilidades, lutas e conquistas dentro do ensino de História. Conclui-se que essas pesquisas são relevantes para a visibilidade feminina na Educação Básica sobre um movimento social importante na história do Brasil e que ainda reduz o cangaço às figuras

⁶ Graduada em Licenciatura em História pela Universidade Estadual do Piauí - UFPI. Pós-graduanda no Curso de Mestrado Profissional em Ensino de História (PROFHISTÓRIA) - UESPI. Professora da Educação Básica na Rede Pública no Maranhão. E-mail: anakarlas.cruz@outlook.com

⁷ Doutora em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professora Adjunta da Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Atua como docente no Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória/ UESPI) e do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí (PPGHB/UFPI). E-mail: joseannemarinho@cchl.uespi.br.



I SEMINÁRIO NACIONAL DE GÊNERO E DIREITOS HUMANOS

FUNDAMENTOS, PERSPECTIVAS E EXPERIÊNCIAS CONTEMPORÂNEAS



masculinas e seu protagonismo, relegando às mulheres um espaço muito pequeno ou nulo na discussão sobre a atuação no cangaço além da personificação de um adorno.

Palavras-chave: Ensino de História, Educação plural, Espaço rural.



DIVERSIDADE E ENSINO HISTÓRIA NO CHÃO DA SALA DE AULA: NARRATIVAS DISCENTES SOBRE AS QUESTÕES DE GÊNERO A PARTIR DAS OBSERVAÇÕES DOS/AS ESTAGIÁRIOS/AS NA ESCOLAS DE CAXIAS/MA

Jakson dos Santos Ribeiro (PPGHIST/PROFEI/UEMA)

Resumo: O presente artigo faz uma abordagem acerca das questões de gênero dentro do espaço escolar, a partir das observações realizadas no espaço escolar durante as disciplinas de Estágio Supervisionado no curso de História, da Universidade Estadual do Maranhão, Campus Caxias. A proposta é compreender como os/as estagiários/as identificaram as questões de gênero na rotina das suas práticas de estágio em relação, em sala aula, mediante as experiências vivenciadas durante a disciplina, na escola campo. O período de observação se estabeleceu entre o Estágio do Ensino Fundamental dos Anos Finais e Ensino Médio. Assim, para elaboração dessa reflexão utilizamos como premissa metodológica, o próprio processo de elaboração das etapas da disciplina, visando primeiramente, o momento teórico, sobre o significado do estágio na chamada formação inicial; em seguida foram realizados diálogos durante a disciplina, onde denominamos de momento divã, em que os/as estagiários/as relatavam sobre suas experiências durante a semana de estágio; a terceira fase a visitação nas escolas dos/as estagiários, para diálogo com os/as professores/as regentes com a finalidade para fazer escuta, como também acompanhar o desenvolvimento das aulas, a quarta fase se estabeleceu, a partir da aplicação de questionário, para averiguar como foram desenvolvidas as aulas e as relações de gênero em suas aulas. Os/as estagiários/as após suas vivências na escola- campo, responderam um questionário com perguntas relacionadas às formas como eles/as enquanto professores/as observaram a paisagem de gênero dentro das escolas em que realizaram o estágio. A partir das análises dessas questões identificamos uma preocupação por parte dos professores/as regentes a luz das respostas dos/as estagiários/as, sobre como tratar essas temáticas na rotina as suas atividades ao tocante a vivência com esses/as estudantes, principalmente quando as perguntas são realizadas em relação ao campo da sexualidade e as diversas identidades que podem ser estabelecidas no âmbito das relações de gênero. Por essa ótica, compreendemos que os cenários escolares, apresentam uma diversidade, onde é preciso criar vias de compreensão, tanto no âmbito das práticas pedagógicas, como por parte as chamadas formações continuadas em relação as questões das identidades de gênero e suas particularidades, a fim de cenarizar um campo escolar, mais acolhedor, como também respeitando as diferenças como diferenças, sem distinções. Viabilizando “[...] caminhos de aproximação, negociação, diálogo e troca, entendendo os constituintes do grupo coordenado como pares legítimos institucionalmente e partícipes de um dado projeto político-pedagógico (BATISTA, 2001, p. 110). Desse modo, segundo (ZABARTO, 2015, p. 6) [...] a concepção de abordagem sobre as questões de gênero pode ultrapassar as prescrições do currículo formal, ampliando os elementos de análise sobre as relações que são imprimidas para alunos e alunas, famílias e professores e professoras.

Palavras-chave: Gênero, Ensino, Formação Inicial.



GÊNERO E FEMINISMOS NO ENSINO DE HISTÓRIA

Renata Lewandowski Montagnoli (PPGH/UFSC)

Resumo: O ensino de História é marcado por uma historiografia tradicional, que durante muito tempo privilegiou grandes feitos, grandes heróis e acontecimentos relacionados com o Ocidente. Com o advento da Nova História, o olhar historiográfico se voltou para outras/outros personagens históricos que tinham muitas histórias para serem narradas oficialmente, mas que eram excluídos desse processo. Dentro dessa nova perspectiva de análise historiográfica, as mulheres passaram a ter suas histórias discutidas com maior frequência, possibilitando um leque de narrativas, que desembocaram na categoria de análise gênero. Mesmo com tantas mudanças, o ensino escolar da História continuou atrelado a uma historiografia tradicional, universalizante, masculinista, branca e Ocidental do Norte Global. As categorias gênero e feminismos ainda não são presença constante nos documentos norteadores da educação no Brasil, assim como nos currículos, planejamentos e livros didáticos. As discussões ocorrem de forma tímida, um dos motivos é porque, não há uma proposta ou política pública educacional que incentive esse trabalho; outro motivo são os movimentos políticos conservadores (Escola sem Partido) que a partir dos anos 2000 empenharam-se em uma verdadeira “cruzada” contra os estudos de gênero na escola. A pesquisa que deu origem a minha dissertação de mestrado em Educação buscou analisar qual a concepção, e como era a implementação das questões que envolviam gênero e feminismos nas aulas de História da rede municipal de ensino de Itapema. Para a realização do trabalho, foram pesquisados os documentos oficiais da educação nacional, estadual e municipal, como: Plano Nacional de Educação, Plano Estadual de Educação –SC, Plano Municipal de Educação de Itapema – SC, Base Nacional Comum Curricular/BNCC, Currículo Base do Território Catarinense, Proposta Curricular de Itapema. Também foram realizadas entrevistas semiestruturadas para analisar as narrativas das práticas docentes quanto aos temas gênero e feminismos. Ao final do trabalho foi possível constatar que, os documentos que orientam a educação no Brasil sofreram um processo de silenciamento, quando não, um negligenciamento quanto às temáticas Gênero e Feminismos. Assim como o processo de exclusão desses temas dos documentos, pelo país a fora, foram criadas leis que proibiram o estudo das temáticas que envolvessem gênero nas escolas. Esses processos de cunho conservador e retrógrado fizeram com que as docentes tivessem inseguranças quanto à abordagem das temáticas em sala de aula, pois esses movimentos políticos conservadores criaram um ambiente de medo e perseguição, onde a proposta é denunciar docentes que abordem esses temas nas escolas, como se estivessem essas, promovendo alguma ilegalidade no processo de ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Feminismo, Gênero, Ensino de História.



MARIA DE VILA MATILDE NO ENSINO DE HISTÓRIA: UMA ABORDAGEM SOBRE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NAS AULAS DE HISTÓRIA ATRAVÉS DA CANÇÃO DE DOUGLAS GERMANO.

Luciane Moreira Andrade de Lima (UESPI)
Mary Angélica Costa Tourinho (UESPI)

Resumo: O presente artigo realiza uma análise da letra da canção Maria de Vila Matilde (2015), composta por Douglas Germano e interpretada por Elza Soares em 2015, que traz um relato denunciador da violência doméstica contra mulheres. Na análise desta obra musical, se propõe a construção de um debate na sala de aula sobre o contexto de sua produção e a importância de uma conscientização entre os/as estudantes em torno deste tema através de suas caracterizações e de iniciativas necessárias para o seu combate. Apesar da conquista e da ocupação progressiva das mulheres em vários espaços sociais ainda não foi alcançado o respeito necessário para uma efetividade de seus direitos. Mesmo com intensas transformações no mundo social e do trabalho em que as mulheres estão cada vez mais inseridas, muitas ainda convivem com a mácula da violência doméstica presentificada com frequência nos lares e indistintamente nas classes sociais. A análise aqui desenvolvida recebeu como aporte autores/as como Mirian Hermeto (2012), Joseneide Santos (2019), Eni P. Orlandi (1999), Rösen (2012) dentre outros que auxiliam no amadurecimento dos usos das canções nas aulas de história, de questões ligadas ao gênero e a aprendizagem no ensino de história. Deste modo, em acréscimo da análise da composição serão apontadas sugestões de como Maria de Vila Matilde (2015) pode ser trabalhada numa aula de história do ensino médio através de oficinas pedagógicas a fim de fortalecer as lutas contra esta forma de violência, junto aos estudantes no espaço da escola.

Palavras-chave: Violência doméstica, Mulheres, Ensino de História.



MOVIMENTO FEMININO E SUAS RESISTÊNCIAS DURANTE O PERÍODO DITATORIAL

Samara Regina da Conceição Santos (UFMA)⁸

Resumo: O presente texto tem como finalidade analisar a ação política de mulheres que lutaram contra a ditadura civil-militar no estado de São Paulo durante os anos de 1975 a 1979, buscando discutir a trajetória e o protagonismo do Movimento Feminino Pela Anistia (MFPA) na reivindicação da Lei nº 6.683/1979, conhecida como Lei da Anistia, e de que maneira o MFPA influenciou outros movimentos sociais que também se articulavam em prol de uma anistia ampla, geral e irrestrita tendo como objeto de pesquisa o próprio *Movimento Feminino Pela Anistia* (MFPA) e a sua trajetória política. Ao entrelaçar a discussão entre o MFPA e a reivindicação da Lei nº 6.683/1979, temos aqui um problema amplo que nos remete a própria questão de como foi resolvida pela ditadura civil-militar à promulgação da Lei de Anistia e de como a mesma pode ser apresentada como uma espécie de perdão político. Nessa esteira, quando se fala de anistia brasileira - durante o período Civil Militar - sente-se uma grande necessidade de saber de que modo está foi instituída, entender as discussões acerca dela (Anistia) é uma questão chave para entender muitas outras demandas que estavam em jogo durante esse período, sendo possível perceber uma grande teia de interesses políticos e sociais constantes e em disputa. É dentro desse contexto que a pesquisa aqui em desenvolvimento tem como problemática central: analisar a construção de papéis de gênero dentro do contexto ditatorial brasileiro e analisar a promulgação da Lei de Anistia usada como instrumento de esquecimento e de livramento aos crimes políticos e outros conexos cometidos pelos agentes do estado durante a ditadura. Quando se trata de lutas por direitos sociais durante a ditadura civil militar brasileira, a figura masculina ainda prevalece como um agente predominante. Isto encontra-se ligado aos movimentos de protestos que surgiram durante esse período, tanto pelo viés artístico quanto pela luta armada. Os movimentos estudantis, artísticos e os de guerrilhas são representados por uma imagem heroica. No que diz respeito à representação feminina nesses espaços de reivindicação, a imagem que se apresenta das mulheres é de coadjuvantes desses movimentos, esboçando um contraste de gênero no qual insiste em permanecer no imaginário sobre o lugar do homem e o da mulher quando se trata de questões associadas ao espaço público. É dentro dessa conjuntura política que vamos problematizar os mecanismos de memória que envolvem a construção da promulgação da Lei da Anistia e compreender como se deu a entrada das mulheres do MFPA, sendo responsáveis pela disseminação da ideia de uma Anistia ampla, irrestrita e geral.

Palavras-chave: Ditadura, Gênero, Memória.

⁸ Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em História - “História e Conexões Atlânticas: Cultura e Poderes” pela Universidade Federal do Maranhão – UFMA. <http://lattes.cnpq.br/1911746460144055> E-mail: samara.reginae@gmail.com



O ESTUDO DE GÊNERO NO ENSINO MÉDIO: UM DIÁLOGO ENTRE HISTÓRIA E LITERATURA

Iasmin Maria Andrade da Silva (PPGHIST/UEMA)

Jakson dos Santos Ribeiro (PPGHIST/UEMA)

Resumo: O uso da literatura como fonte para a história pode auxiliar o (a) professor (a) em práticas didáticas que utilizam dinâmicas que vão além do livro didático e das fontes tradicionais. Contudo, é necessário que o (a) docente tenha a consciência das possibilidades e limites enquanto professor (a) de história que utiliza uma fonte literária. Nesse sentido, a presente pesquisa busca debater sobre o uso da Literatura como fonte para a História no ensino de História na Educação Básica (Nível Médio). Para isso, pensando na relação história-literatura, pretendeu-se estabelecer uma interlocução entre as temáticas de gênero e identidade a partir de obras literárias. Desse modo, visando discutir a viabilidade da literatura enquanto fonte, foi realizado um estudo sobre as relações de gênero e identidade no Nordeste do século XX a partir das obras *Uma mulher vestida de sol* do autor Ariano Suassuna e *Sem lei nem rei* do autor Maximiano Campos. Essas que são obras de características regionais nordestinas do século passado, apresentam possibilidades de realizar discussões sobre os conceitos de masculinidade, virilidade e identidade nordestina no século XX. Por esse viés é importante salientar que, as obras, ressaltam as características masculinas viris, a partir de uma necessidade de demonstração e afirmação constante de uma “macheza”, para construção de uma identidade no espaço nordestino, reforçando assim, um homem viril no imaginário popular pautada em elementos como o “cabra macho” de verdade, a honra pessoal e/ou familiar, mas também, construindo os ciclos de violência, e outros mais. Por essa ótica, é relevante ressaltar, que esses aspectos identitários vão sendo fortalecidos pela literatura regional do século XX, sendo que em partes, faz parte de um projeto de um movimento constituído pela elite regional, que buscava a formação de uma identidade distinta de outras regiões do país. Desse modo, tais discussões, podem ser iniciadas a partir do estudo das obras literárias sob um olhar histórico, como também relacionando com as perspectivas de gênero na sala de aula. Nesse sentido, foi realizado, a partir de um diálogo com as orientações curriculares, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN), e as perspectivas da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), onde se buscou salientar, as possibilidades da aplicação desta temática nas aulas de História. Por fim, irá ser apresentado as considerações iniciais de uma cartilha didático pedagógica, que está sendo produzida a partir da pesquisa de Mestrado Profissional do Programa Pós-graduação em História da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Este material didático objetiva debater sobre a prática multidisciplinar com foco nas temáticas de gênero e identidade. Nele, buscou-se demonstrar, em aspectos práticos, como o (a) docente pode trabalhar em sala as temáticas de gênero a partir da relação entre História e Literatura.

Palavras-chave: Ensino de História, Gênero, Literatura.



OLHARES DOCENTES SOBRE AS QUESTÕES DE GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA NA CIDADE DE CAXIAS/MA

Laiane Miranda (UEMA)

Prof. Dr. Jakson dos Santos Ribeiro (UEMA)

Resumo: A escola é um lugar de muitas interações sociais, assim podemos pensá-la como um espaço de práticas de sociabilidades onde é possível compreender a dimensão social que os indivíduos vivenciam para além dos muros da escola. Nesse sentido, ofertar formações que agreguem no fazer do cotidiano, dentro e fora da escola se torna uma ação de fundamental importância, pois irá contribuir na construção de uma realidade com sujeitos mais esclarecidos acerca do conceito de respeito e o entendimento sobre a ideia de diferença, como algo natural dentro das relações humanas. Desse modo, o texto apresentado é resultado das experiências, vivenciadas em um projeto de extensão desenvolvido na cidade de Caxias/MA, cujo objetivo era ofertar um curso de formação para os/as docentes da rede municipal e estadual sobre as questões de gênero no espaço escolar. Desse modo, realizamos um diagnóstico inicial, sobre a percepção desses/as professores/as que manifestaram interesse em participar do curso, a fim de identificar qual a percepção acerca das questões de gênero no ambiente escolar. O curso de formação foi desenvolvido através da Plataforma *Google Meet*, capaz de suportar o número previsto de professoras/es. Metodologicamente, a oferta do curso se estabeleceu, da seguinte forma: um questionário de inscrição para os professores e gestores, onde foi questionado se já participaram de alguma formação sobre o tema dentro das escolas, acerca das questões de gênero e sexualidade, como também como eles/as entendia a necessidade dessa formação para os professores e gestores. Os palestrantes que ministraram estas aulas palestras, todos com formação sobre questões de gênero e sexualidade, disponibilizam textos básicos sobre o tema. Com tudo, nos debates em torno do gênero e da sexualidade, é fundamental observar que a forma, na nossa cultura, como em outros vários grupos sociais se elaboram minuciosas estratégias de controle sobre os corpos masculinos e femininos, criando “rótulos” em torno deles, estabelecendo padrões de comportamento aceitáveis ou inaceitáveis, categorizando-os como normais ou anormais (JANE FELIPE, 2007). O curso, aconteceu em 10 encontros, com o tempo de duas horas, em que tinha uma aula-palestra com um/a pesquisador/a convidado. Ao final de aula-palestra, os/as era enviado um link do grupo do *WhatsApp*, com perguntas acerca das questões debatidas na aula, mas sempre com uma pergunta chave. Qual a sua percepção acerca do tema discutido para o ambiente da escola. Assim, realizamos as análises dessas respostas para tentar compreender a relevância dessas discussões no espaço da escola e com seus/as estudantes. Observamos que ao final do curso, os/as professores/as conseguiram estabelecer outra visão, acerca das questões de gênero, como também demonstraram interessados/as em ampliar os debates em relação a temática, ressaltado a necessidade de inserir para demais colegas, como para os próprios estudantes da Educação Brasil.

Palavras-chave: Gênero, Educação, Sexualidade.



PENSAMENTO FEMINISTA NEGRO NO ENSINO DE HISTÓRIA: CONTRIBUIÇÕES PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

Hellen Pabline Leal Conceição (UESPI)⁹

Joseanne Zingleara de Soares Marinho (UESPI-UFPI)¹⁰

Resumo: Neste trabalho busca-se abordar as discussões das chamadas “Ondas Feministas” para pensar o Feminismo Negro e suas contribuições para uma educação histórica antirracista. Aqui o termo é entendido nas discussões acadêmicas como um período histórico caracterizado pela maior incidência de pautas e questões-problemas levantadas por grupos de mulheres que ergueram suas vozes no debate público. Convencionou-se nomear essas movimentações de Primeira Onda, Segunda Onda e Terceira Onda, já sendo apontada por estudiosas uma Quarta Onda Feminista popularizada pela circulação dos debates nas mídias sociais de grande impacto como *Facebook*, *Twitter*, *Instagram* e *Youtube*. As periodizações são uma forma de organização da história desses movimentos, o que não significa dizer que não houveram silenciamentos ou lutas muito anteriores. Desta forma, primeiro iremos traçar breves caminhos históricos percorridos pelas “Ondas Feministas”. O segundo interesse desta escrita, é relacionar a importância de se conhecer e “enegrecer” o feminismo para estabelecer ligações com as ferramentas conceituais de Lugar de Fala e Interseccionalidade como suportes que favorecem a sofisticação das análises e narrativas no Ensino de História. Contaremos com o relato de uma experiência vivenciada no ano de 2020, em uma escola particular da cidade de Teresina - PI. Ao participar de um grupo de orientação para a 12ª Olimpíada Nacional em História do Brasil - ONHB, nos deparamos com uma questão que disponibilizava um enxerto do livro “Pequeno Manual Antirracista”, da filósofa Djamila Ribeiro, como material de análise para as discussões que seriam promovidas pelo grupo de estudantes e professoras/es. A leitura do enxerto gerou um movimento de valorização da intelectualidade feminina negra ao ter a presença da Djamila Ribeiro como importante voz e olhar no debate acerca de assuntos sensíveis como o racismo brasileiro e o lugar da mulher negra. Com a utilização da referida obra foi possível ver como a Quarta Onda Feminista pode ser pensada em suas autoras e produções intelectuais como importantes referências para o Ensino de História na atualidade, pois dialogar com a ideia de Lugar de Fala e Interseccionalidade é pensar também a presença, em nossas aulas, de sujeitas/os diversas/os, que são atravessadas/os e falam de diferentes pontos de vistas dos mais variados temas. Por fim, o uso dos materiais produzidos e articulados pela ONHB, assim como as mídias sociais de ampla circulação de informações, mostram-se como importantes recursos de informação e aprendizado para professoras/es, pesquisadoras/es e estudantes ao promover reflexões e articulações com a multiplicidade de nossas vivências. Para a construção deste trabalho,

⁹ Graduada em Licenciatura em História pela Universidade Federal do Piauí– UFPI. Pós-graduanda no Curso de Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória/UESPI). Bolsista FAPEPI. Professora da Educação Básica na Rede Privada de Teresina – PI. E-mail: pablinecx@gmail.com.

¹⁰ Doutora em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), Professora Adjunta da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), atuando como docente no Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória/ UESPI) e no Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí (PPGHB/UFPI). Pesquisadora com bolsa de Produtividade da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Piauí- FAPEPI. E-mail: joseannemarinho@cchl.uespi.br.




I SEMINÁRIO NACIONAL DE GÊNERO E DIREITOS HUMANOS

FUNDAMENTOS, PERSPECTIVAS E EXPERIÊNCIAS CONTEMPORÂNEAS



tecemos diálogo com autoras como Djamila Ribeiro (2017), Carla Akotirene (2019) e Jacilene Maria Silva (2019).

Palavras-Chave: Feminismo Negro, Ensino-Aprendizagem, História.



SIMPÓSIO TEMÁTICO 5
QUEER E ALÉM:
PERSPECTIVAS DO QUE SE CHAMA DE QUEER NA
CONTEMPORANEIDADE

Prof Dr Ruan Nunes Silva
Profa Dra Renata Cristina da Cunha

SIMPÓSIO TEMÁTICO 05

QUEER E ALÉM: PERSPECTIVAS DO QUE SE CHAMA DE *QUEER* NA CONTEMPORANEIDADE

Prof. Dr. Ruan Nunes Silva (UESPI)
Profa. Dra. Renata Cristina da Cunha (UESPI/IFPI)

Diante da riqueza teórica e das complexidades da contemporaneidade, dizer que a teoria *queer* está presente tanto em espaços de investigação quanto em práticas artísticas é permanecer na superfície. Considerando distintas genealogias para o que chamamos de *queer*, este simpósio pretende ser um lócus para discutir as relações complexas e nem sempre harmônicas entre as artes e as perspectivas *queer*. Compreendemos aqui que *queer* vai além de discussões butlerianas sobre gênero e sexo, ou seja, reconhecemos as contribuições que destacam, por exemplo, a arte chicana de Gloria Anzaldúa e Cherríe Moraga, o fracasso de Jack Halberstam, a crítica do homonacionalismo de Jasbir K. Puar, a heteronormatividade de Michael Warner, os desafios cosmogônicos de Joshua Whitehead, a questão dos afetos de Sara Ahmed, o transfeminismo de Beatriz Bagagli e Leticia Nascimento, o cuir de tatiana nascimento e as tensões diaspóricas de Jota Mombaça. Em suma, falar de *queer* significa ir além da performatividade de gênero: queremos sugerir outros interstícios teóricos que possam oferecer novas (des)orientações críticas no mundo para falar de sujeitos LGBTQIAPN+. Faz sentido, portanto, pensar em teorias ou estudos *queer* no plural não apenas como um movimento de expansão de horizontes, mas principalmente como um exercício de desconstrução de heranças normalizantes. Dessa forma, o presente simpósio busca trabalhos investigativos que versem não apenas sobre questões “tradicionais” dos estudos *queer*, mas também propostas transversais que desafiem as próprias bases epistemológicas do campo, dialogando com distintos sistemas semióticos como literatura, pintura, dança, cinema etc.





**A AMIZADE COMO MODO DE VIDA EM *A CANÇÃO DE AQUILES*, DE
MADELINE MILLER**

Antonio Marcos da Silva Brito¹¹

Resumo: O presente trabalho trata-se de uma pesquisa em andamento do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), orientada pelo Prof. Dr. Ruan Nunes Silva. O trabalho apresenta o romance *A Canção de Aquiles*, de Madeline Miller, e discute a relação entre Aquiles e Pátroclo, tendo como base o conceito de “phília” e tem como objetivo geral investigar de que formas o romance de Madeline Miller, subverte e desconstrói as noções homoafetivas entre Pátroclo e Aquiles à luz de leituras foucaultianas da amizade como modo de vida. A pesquisa é fundamentada em trabalhos de autorias que discutem sexualidade e gênero como Michel Foucault (1997) onde ele discute a relação de amizade entre homens, seus compartilhamentos, vivências e confidências, Alessandra Souza Viegas (2019) que traz o termo-base para esse trabalho (phília) e aborda outra relação de Aquiles, dessa vez com Briseida, Mariana Fujikawa (2019) que questiona “É a homossexualidade é eterna?” e busca responder a pergunta através de uma análise do papel social das sexualidade e a evolução do termo e das convenções sociais ao longo do tempo, Guacira Lopes Louro (2018) discorre sobre as mudanças da vida, identidade e sexualidade utilizando a metáfora da viagem, Tiago Souza Monteiro de Andrade (2017) retoma o que outros autores desta pesquisa debateram, o decorrer histórico da sexualidade e aprofunda na Grécia Antiga, trazendo Platão para a discussão, David Halperin (1993) disserta acerca dos aspectos culturais da sexualidade, trazendo questões hierárquicas e sociais e Donald Hall (2006) nos apresenta a teoria de gênero, mais uma vez levando aos gregos para contextualizar e explicar alguns fatos. O estudo também é justificado através de pesquisas sobre estudos Queer dos autores Rafael Leopoldo, que faz um recorte do contexto histórico referente ao pensamento Queer, o processo de luta da comunidade, Jeffrey Escoffier (2018) que trata de identidade e estigmas atribuídos a comunidade Queer e Tomaz Tadeu da Silva (2000) que também aborda a identidade a afirmação da mesma, o papel político de se afirmar e negar outras identidades. Além de destacar aspectos sociais da sexualidade e gênero na Grécia antiga como forma de contextualizar a relação de Aquiles e Pátroclo, o trabalho evidencia as práticas sociais da época bem como os termos designados a ela, que não são os mesmos de atualmente. A pesquisa atualmente conta com resultados parciais obtidos através das leituras dos textos indicados, reuniões e discussões de orientação da pesquisa nos quais concluímos parcialmente que a relação de Aquiles e Pátroclo não deve ser lida como uma relação homossexual, e sim como uma relação de amizade, levando em conta não só o termo “phília” mas todo o contexto social em que eles se encontravam.

Palavras-chave: Gênero, Queer, *A Canção de Aquiles*.

¹¹ Acadêmico do bloco 4 do curso de Licenciatura em Letras – Inglês da Universidade Estadual do Piauí, campus Parnaíba. E-mail: antoniomarcosdasilvabrito@aluno.uespi.br



A REPRESENTATIVIDADE QUEER NA MÚSICA POP: UMA NÁLISE DAS CANÇÕES DA CANTORA CYNDI LAUPER

Antônio Kleiton da Penha Alves (UESPI)

Resumo: A música é forte a ponto de conseguir ser um instrumento para a propagação da representatividade, pois podemos nos expressar das mais diversas maneiras, o calor das palavras em harmonia aquece o coração de quem quer a aprender e enxergar o mundo com os olhos de outras pessoas. Artistas utilizam dela para fazer isso cotidianamente, o que traz uma perspectiva de que a música não existe apenas como forma de entretenimento, ressignificando assim seu valor real para a sociedade hodierna. Podemos considerar a representatividade na música como uma forma de combater as diferenças, ignorância e levar conhecimento sobre diferentes pautas que nos cercam de uma maneira atrativa, pois o preconceito e repressão podem afetar e desestabilizar pessoas de diferentes grupos, como as queer, a ponto de elas criarem ódio da sua própria existência. Dessa forma a música é vista como um instrumento para a propagação da representatividade, pois sabe-se que a representatividade para pessoas queer é importante para que elas entendam que não são uma parte anormal da sociedade. Os protestos e diferentes formas de adquirir visibilidade e inclusão foram e são importantes para a criação de uma sociedade mais igualitária como tratamos em nossa pesquisa, dito isso, discutimos as diferentes formas de lutar por visibilidade, como o ativismo, que é o uso de meios artísticos como forma de propagar ativismo. Artistas como a cantora Cyndi Lauper fazem uso desta ferramenta artística e ajudam pessoas que durante anos veem sendo tratadas como uma parte marginalizada da sociedade. Diante disso, este artigo visa responder a seguinte pergunta: Como e por que as músicas da Cyndi Lauper, mega estrela da cultura pop, representam a comunidade Queer? Com o intuito de responder essa pergunta foi formulado o seguinte objetivo geral: Investigar como e o porquê das músicas da Cyndi Lauper representarem a comunidade Queer. A fim de alcançar essa meta, foram delineados os seguintes objetivos específicos: Discutir os pressupostos teóricos dos estudos queer a luz do conceito de representatividade; descrever o contexto histórico e musical em que as canções de Cyndi Lauper foram lançadas; relacionar o perfil pessoal e profissional da cantora Cyndi Lauper como representante da comunidade queer. Para isso, está sendo realizada uma pesquisa bibliográfica-exploratória, embasada em autores como Silva (2020), Butler (2015), Louro (2018) entre outros. Os resultados preliminares revelam que as músicas analisadas contêm fragmentos que representam a comunidade queer, colaborando sobremaneira para que esse público se sinta acolhido, valorizado e, sobretudo, visibilizado.

Palavras-chave: Estudos Queer, Representatividade, Cindy Lauper.



**GRAMATICALMENTE ERRADO, LINGUISTICAMENTE CORRETO: A
CELEBRAÇÃO DE IDENTIDADES DIVERSAS PELA SUBVERSÃO DAS
NORMAS**

Jamilyls Maiara da Silva Nogueira (UFPE)

Resumo: As práticas sociais oferecem diversas possibilidades analíticas para entendermos como as pessoas em seus respectivos lugares negociam o sentido do existir e pertencer no mundo através da linguagem. Nesse processo estamos sempre, quase que todos os dias, recorrendo a criatividade linguística para nos fazer entender melhor – seja para nos expressarmos melhor, seja para compreender a nós mesmos, ao outro ou a realidade que nos alcança – assim, a variação e a diversidade linguística são inerentes a esse sistema significativo de valores que é a língua. Na minha fala tratarei de algumas reflexões acerca de uma determinada construção linguística observada durante entrevistas orais com um grupo masculino *cis* LGBTQIA+ no sertão pernambucano, na cidade de Serra Talhada, para a composição do *corpus* do trabalho de dissertação, coletado em 2019, a qual deixamos à parte em uma pequena seção que foi chamada de “os casos de não concordância”. Deste modo, as reflexões que se seguirão foram encaminhadas pelo seguinte construto: Amigo, me revele, você já foi comida por um aluno? Na época, interessava ao meu trabalho analisar os usos e contextos em que eram empregados os vocativos tidos como indexicalizadores ou característicos do referido grupo, tais como: *bicha*, *viado*, *mona*, *senhora*, por isso não estendi a discussão a cerca de (i). Porém, até hoje, tal uso acende um alerta na cabeça desta aspirante a linguista e me leva a pensar em diferentes caminhos e campos possíveis de análise. Me apoio nas provocações do campo denominado de *Linguística Queer* (doravante LQ) para levantar questões a cerca da construção (i). Nesse sentido, pretendo discutir algumas questões, dentre elas: De quais maneiras essa construção subverte as normas? Por que causa estranhamento? E de que maneira a LQ nos ajuda a entender usos como este? A priori, se faz importante ressaltar que o uso da construção destacada não foi um descuido da fala do nosso colaborador, mas sim, um uso consciente, dado a repetição deste e de outros dados semelhantes, sendo, para tanto, algo que pode vir a se indexicalizar à essa comunidade. Nosso objetivo, portanto, não é apresentar uma análise linguística propriamente dita, mas refletir sobre alguns pontos acerca da linguagem, do gênero e de identidades relegadas e, muitas vezes, excluídas das pesquisas linguísticas por áreas de estudos tradicionais.

Palavras-chave: Fala gay, Diversidade, Sociedade.



IMPACTOS DA AMATONORMATIVIDADE EM “REGRET”, DE KATE CHOPIN

Dameres Suelen Ferreira do Nascimento (UESPI)¹²

Resumo: Ao analisarmos corpus de estudo das atuais pesquisas brasileiras na área dos estudos Queer, é possível perceber que uma comunidade que frequentemente sofre apagamento nesse meio acadêmico é o grupo dos Assexuais. Esta sexualidade é caracterizada pela forma como uma pessoa sente ou não atração sexual e/ou romântica. Além disso, pessoas dessa comunidade sofrem consequências negativas por serem diferentes do que se é esperado pelos padrões heteronormativos da sociedade, chegando a terem suas vivências desvalorizadas e deslegitimadas até mesmo dentro da própria comunidade LGBTQIAPN+. Dentro da comunidade Assexual, este trabalho se propõe a analisar um de seus subgrupos: a comunidade Arromântica. Pessoas arromânticas são muitas vezes taxadas como frias, insensíveis, infelizes e sozinhas pelo simples fato de não se interessarem (ou se interessarem muito pouco) por relacionamentos românticos. Isso acontece pela idealização social perpetuada pela Amatonormatividade, em que os relacionamentos românticos são supervalorizados em detrimento das demais relações como familiares, de amizades, amor aos animais de estimação, entre outras. De modo a discutir os efeitos da amatonormatividade nas vivências da comunidade Assexual, com enfoque na comunidade Arromântica, definimos como objetivo geral desse trabalho discutir os impactos da amatonormatividade exercidos sobre a personagem principal do conto “Regret”, de Kate Chopin. Como objetivos específicos, buscamos discutir os pressupostos teóricos acerca da Assexualidade, Arromanticidade e Amatonormatividade, e relacionar Assexualidade e Arromanticidade ao conto “Regret”, de Kate Chopin. Para isto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica qualitativa embasada em autores como Lang (2018), Granger (2020), Oliveira (2013), entre outros. Assim, os resultados da pesquisa sugerem que a protagonista do conto, uma senhora de cinquenta anos chamada Mamzelle Aurélie, sofre uma dolorosa epifania após uma experiência em que sofreu fortemente devido às influências da amatonormatividade de tal forma que se arrepende amargamente do modo como viveu sua vida. A senhora nunca sentiu a necessidade de se casar, logo não teve filhos e uma família tradicional esperada para os padrões de sua época. Por este motivo, após passar duas semanas cuidando dos filhos de sua vizinha, a senhora percebe que por nunca ter sentido a necessidade de se casar, nunca sentiu que poderia ser uma mãe, o que foi o maior erro de sua vida. Por fim, considerando as dificuldades sofridas pela comunidade *Aroace*, este trabalho busca trazer representatividade à essa comunidade ao expor indícios dessa sexualidade em um conto publicado no final do século XIX, escrito por Kate Chopin, bem como provocar novas análises de obras clássicas da literatura de Língua Inglesa como forma de incentivar novas pesquisas embasadas nos estudos Queer, especialmente com a comunidade Assexual.

Palavras-chave: Arromânticos, Assexualidade, Estudos-Queer.

¹² Acadêmica do sexto período de Letras-Ingês pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI), campus Alexandre Alves de Oliveira. Foi bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) - (2020-2021) e pesquisadora voluntária pelo Programa Institucional De Bolsas De Iniciação Científica (PIBIC) - (2021-2022). Email: damsue02@gmail.com.



NA CAMA COM BRUNS E THALESSA ARAÚJO

Carlos César Santos Silva Filho (UFPI)

Resumo: O seguinte ensaio propõe reflexões sobre identidade *queer*, gênero e sexualidade à partir de duas interlocutoras da cidade de Teresina, ambas mulheres transexuais, uma se considerando travesti e outra transexual não binária. Por meio de autores como Larissa Pelúcio, Guacira Lopes Louro, A. Fausto Sterling e Foucault, os dados empíricos foram analisados compondo uma reflexão sobre vivências, sexualidade, gênero, identidade e contexto. As informações foram obtidas por meio de pesquisa exploratória com entrevistas para Podcast e observação participante realizados entre janeiro de 2022 até agosto do mesmo ano, discorrendo sobre as vivências de Bruns e Thalessa Araújo e sobre como a sociedade as enxergam, mas acima disso, sobre como fazem uma leitura de si, configurando a dinâmica de construção de suas identidades e aperfeiçoamento de suas personalidades, seja para suas intimidades ou então para o mundo, que tanto tentam confrontá-las com um extenso jogo de resistência.

Palavras-chave: Queer, Travesti, Sexualidade.



OGBANJE GÊNERO E PERFORMANCE: UMA ANÁLISE DA PERSONAGEM ADA EM ÁGUA DOCE, DE AKWAEKE EMEZI

Camila de Carvalho Silva (UESPI)

Atos Daniel Pereira da Silva (UESPI)

Francisco Welison Fontenele de Abreu (UESPI)

Resumo: Este trabalho se voltou para análise de *Água Doce*, ficção de estreia da escritora nigeriana Akwaeke Emezi, que conta a história de Ada, garota que teve uma infância solitária e que, ainda muito jovem, se descobre *ogbanje*, ou seja, percebe a existência de outros “eus” dentro do que a autora denomina de “cômodo marmóreo”, que seria a mente de Ada. Ao mudar-se para os Estados Unidos com a finalidade de começar sua vida universitária, um episódio traumático acaba sendo o estopim que converte esses diversos “eus” em alguma coisa mais intensa. Ada vai sendo inundada por esses *ogbanje* e dá lugar a esses seres, deixando que eles se manifestem em seu corpo. É de enorme valia elucidar que em todo o corpo deste trabalho será utilizada a linguagem popularmente entendida como neutra (mas aqui farei uso do termo linguagem inclusiva, já que de neutra não tem nada) para referirmo-nos à personagem Ada. A linguagem inclusiva é importante não só na obra, mas também na vida de Akwaeke Emezi, como dito anteriormente e, como pesquisadores das questões de gênero, sentimos que não podíamos ignorar essa peculiaridade. Assim, este trabalho objetiva analisar de quais formas as performances de gênero da personagem Ada da obra *Água doce*, de, são desfeitas e desconstruídas por seus *ogbanje*. Serão utilizados conceitos associados ao que Judith Butler convencionou chamar de performance de gênero, a fim de entender como tal fenômeno atinge a vida de Ada. O conceito de performatividade foi adaptado por Judith Butler para retratar a maneira que gênero é fabricado como efeito de um sistema regulador que propõe a repetição específica de comportamentos. Também procuraremos demonstrar de que forma a presença de *Ogbanje*, seres místicos da cultura africana, influenciam em tais comportamentos, uma vez que estes são descritos em *Água doce* como “criaturas de Deus com poderes sobre os mortais. Desse modo, foi possível constatar que essas divindades regem as performances de gênero da personagem, criando uma fluidez na forma como Ada irá performar tal categoria. Por fim, por se tratar de uma narrativa que é, desde a sua concepção, condescendente, deixamos a conclusão da pesquisa em aberto, para que novas ideias sejam produzidas a partir das indagações discutidas aqui. A narrativa poderia ser percebida, eventualmente, como ponte para alguma noção de performance de gênero, não como um destino, mas sim como uma jornada, cujo percurso é formado por desvios de rota que levam a personagem exatamente para onde ela deveria estar.

Palavras-chave: Performance, Gênero, *Ogbanje*.



“QUE TIPO DE HOMEM QUER QUE EU SEJA, PAI?”: AS VIOLÊNCIAS
VIVENCIADAS POR ERIC EFFIONG NO ÂMBITO FAMILIAR EM *SEX
EDUCATION* (2019)

Vitor Hugo Sousa Oliveira (UESPI)¹³
Renata Cristina da Cunha (UESPI)¹⁴

Resumo: A Declaração Universal dos Direitos Humanos recrimina toda e qualquer violência que pode colocar em risco a saúde física e psicológica de qualquer ser humano. Nessa direção, todas as pessoas, sem distinção no que concerne ao gênero, à raça ou à orientação sexual, por exemplo, precisam ter direito à vida, à igualdade, à liberdade e ao respeito. Os membros da comunidade LGBTQIAPN+, por outro lado, possuem seus direitos violados diariamente nas sociedades contemporâneas de forma geral em virtude das pessoas *queer* burlarem as fronteiras de gênero e de sexualidade. Vale ressaltar que essas violências diárias, que podem se manifestar especialmente no âmbito familiar, são abordadas pelos artefatos culturais hodiernos, tais como as séries televisivas, como uma espécie de *mimesis* (representação do “mundo real”) dos dilemas existenciais e violações que corpos *queer* vivenciam todos os dias. Destarte, a série britânica *Sex Education* (2019), uma das produções mais aclamadas da Netflix, apresenta as desventuras sexuais e os dilemas de adolescentes de uma escola de ensino médio. Nessa esteira, uma das personagens mais adoradas pelo público é Eric Effiong, garoto afrodescendente que possui atração afetivo/sexual por outros garotos e é filho de pais protestantes. Na primeira temporada do seriado, o pai de Eric não aprova o fato do filho gostar de se maquiar e vestir roupas socialmente consideradas femininas, posição que magoa Eric e o faz se sentir infeliz. Assim sendo, esta investigação – resultado de uma pesquisa realizada no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC-CNPq/2022-2023) da UESPI – visa responder à seguinte inquietação: quais são a(s) natureza(s) dos atos violentos vivenciados por Eric Effiong em seu âmbito familiar na primeira temporada de *Sex Education* (2019)? A fim de responder essa questão norteadora, o objetivo geral a seguir foi traçado: caracterizar a(s) natureza(s) dos atos violentos vivenciados por Eric em seu ambiente familiar nos episódios da primeira temporada da série. Em termos metodológicos, uma investigação bibliográfico-exploratória, com abordagem qualitativa, está sendo realizada, contando com as teorizações propostas por Etienne Grug *et al* (2002), Guacira Louro (2021), Judith Butler (2021), entre outras. Os resultados parciais revelam que Eric é vítima de violência interpessoal por parte de seu pai. Além disso, no que concerne à natureza dos atos violentos, constatou-se que a personagem não é afetada pela violência física no ambiente familiar, mas é, sim, mais uma vítima da violência psicológica, fazendo com que ele se diminua para caber nas visões cisheteronormativas de sua família. Portanto, conclui-se que a personagem representa inúmeras vidas *queer* que têm sua autoestima abalada diariamente em seus lares por familiares que não respeitam suas existências e suas lutas.

Palavras-chave: Violência psicológica, Eric Effiong, *Sex Education*.

¹³ Acadêmico do sexto período de Licenciatura Plena em Letras Inglês na Universidade Estadual do Piauí (UESPI), campus Prof. Alexandre Alves de Oliveira (Parnaíba). É, também, bolsista PIBIC-CNPq (2022-2023). E-mail: vitorholiveira@aluno.uespi.br.

¹⁴ Doutora em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e Professora Adjunta 4 do curso de Licenciatura Plena em Letras Inglês na Universidade Estadual do Piauí (UESPI), campus Prof. Alexandre Alves de Oliveira (Parnaíba). E-mail: renatacristina@phb.uespi.br.



RECONTEXTUALIZAÇÃO DA HOMOFOBIA EM COMENTÁRIOS ONLINE

Ivonildo da Silva Reis (UECE)

Resumo: Em 13 de junho de 2019, o Supremo Tribunal Federal do Brasil, atendendo à petição impetrada pelo Partido Cidadania, Associação de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais, Grupo de Advogados pela Diversidade Sexual e Grupo Gay da Bahia, decidiu criminalizar atos de homofobia, incluídos em tal infração, discursos de ódio contra orientação sexual e identidades de gênero. Uma vez publicada tal decisão como notícia no perfil *GI.com* do *Facebook*, diversos comentários contrários ao órgão julgador insurgiram-se em perfis individuais que compõem a comunidade virtual, os quais passamos a analisar a partir de uma perspectiva linguístico-crítica, pautada na intrínseca relação linguagem-sociedade e que se volta a um problema observado no cotidiano dos sujeitos. Analisamos como tais comentários *online* são capazes de recontextualizar a homofobia, partindo do redesenho da teoria dos atos de fala (AUSTIN, 1990) empreendido pela noção de citacionalidade (DERRIDA, 1991), a qual redefine como se dá o processo de sentido nas interações humanas. A partir dessa reconfiguração teórica, chegamos ao processo de entextualização (BAUMAN; BRIGGS, 2006), o qual nos aponta para o diálogo entre contextos, estes mobilizados pelo uso situado-histórico da linguagem. Uma vez que contextos não são cenários fixos que oferecem as condições de significação, passamos a analisá-los a partir das *performances*, as quais, em tratamento crítico, são capazes de recriar a vida social à medida que a linguagem vai sedimentando certas práticas de vida e excluindo outras, servindo nessa dinâmica como instrumento de poder. Selecionamos dois comentários em espaço *online*, relacionando a homofobia por eles expressa a discursos que vão sendo ressignificados histórica e socialmente sobre a sexualidade propostos por Foucault (1984; 1988), pautados principalmente nos discursos médico-psiquiátricos e religiosos cristãos, os quais avançam sobre os corpos como saberes que os constituem e, ao mesmo tempo, violentam-nos ao instituir a heteronormatividade e colocar em situação de marginalidade sexualidades e gêneros dissonantes. Dessa maneira, podemos perceber como os comentários são capazes de reatualizar a homofobia, ligando o ato situado (micro) à organização social (macro). Por tal via teórico-metodológica, percebemos as consequências excludentes da homofobia, a qual, revela-se como estruturante de diversas iniquidades (BORRILLO, 2010), imiscuídas em relações microfísicas do poder (FOUCAULT, 2021). Ao reconhecermos que a linguagem instaura o que performa, visões essencialistas que fundamentam o heterocentrismo podem ser contestadas. A partir dessas disputas de significados e, consequentemente, de formas de vida, a multiplicidade de gêneros e sexualidades em perspectiva *queer* (PRECIADO, 2011) torna-se não apenas uma alternativa à matriz heterossexual, mas um direito às diferenças, quaisquer que sejam, derivando desse quadro o seu reconhecimento como um valor epistemológico.

Palavras-chave: Homofobia, Recontextualização, Performance.

A stylized, colorful illustration in the background. It features silhouettes of people in various colors (orange, blue, purple) and several flowers in shades of red, orange, and purple. The overall style is soft and artistic.

SIMPÓSIO TEMÁTICO 6

**OS ESTUDOS DE GÊNERO E DIREITOS HUMANOS SOB A
PERSPECTIVA DA HISTÓRIA:
DIÁLOGOS POSSÍVEIS**

Profa Dra Georgiane Garabely Heil Vázquez
Prof Frederico Renan Hilgenberg Gomes
Profa Thayná Guedes Assunção Martins

SIMPÓSIO TEMÁTICO 06

OS ESTUDOS DE GÊNERO E DIREITOS HUMANOS SOB A PERSPECTIVA DA HISTÓRIA: DIÁLOGOS POSSÍVEIS

Prof.^a Dr.^a Georgiane Garabely Heil Vázquez (PPGH/UEPG) e (PROFHISTÓRIA/UEPG)

Prof. Frederico Renan Hilgenberg Gomes (PPGH/UEPG)

Profa. Thayná Guedes Assunção Martins (PPGH/UEPG)

Considerando-se os estudos de Gênero como cada vez mais imprescindíveis diante das pesquisas nas áreas de Ciências Humanas, tais como História e Educação, é que torna-se convidativo e importante a proposição de reflexões em torno dessa perspectiva de análise. Também se torna patente lembrar que a garantia de direitos básicos, como saúde e alimentação, foram garantidos somente com a Constituição Federal de 1988 e mesmo assim setores marginalizados da sociedade encontravam dificuldades para ter acesso a esses direitos, questão que se agravou nos últimos anos devido ao desmonte das políticas públicas voltadas para a diminuição das desigualdades entre gêneros, sexos, etnias e sociais. Partindo disso, é que esse simpósio temático propõe os diálogos possíveis em torno da História da saúde e das doenças, da maternidade, não desenvolvimento da condição materna, violências de gênero, memórias, parteiras, sexualidades, narrativas, dentre outras categorias de discussão que estão relacionadas às pesquisas em torno das humanidades, mas que tenham como eixo central a relação entre as discussões de Gênero e os Direitos Humanos do ponto de vista historiográfico. A proposta do simpósio é disponibilizar um diálogo junto a historiadoras e historiadores, mas também junto a pesquisadoras e pesquisadores de áreas afins, de modo a promover a interdisciplinaridade e mobilização de saberes a partir das diferentes áreas de produção do conhecimento. Considerando o tema central do seminário, a perspectiva de reflexões que o simpósio busca constituir encontra-se em torno das articulações dos estudos de gênero e Direitos Humanos, levando em conta as continuidades, descontinuidades e rupturas tecidas ao longo da História, sob um olhar do passado para compreensão do presente.





AS DIFERENTES NARRATIVAS DOS CASOS DE FEMINICÍDIO ATRAVÉS DO PERIÓDICO ‘DIÁRIO DO PARANÁ’ (1977 A 1981)

Andriely K. M. T. D. S. Mikoda (UNESPAR)

Kety C. De March (UNESPAR)

Resumo: Os papéis sexuais atribuídos socialmente ao masculino e ao feminino são caracterizados por uma masculinidade positivada pela inteligência, virilidade, etc, enquanto a feminilidade é negatizada pela fraqueza, irracionalidade, etc. A partir disso se estabelece um poder assimétrico que legitima e normaliza ações de violência sobre os corpos femininos por meio da violência verbal, física, sexual ou mesmo simbólica. Tais ações ocorrem dentro de uma relação amorosa entre namorados, casados, amantes, entre outros que ocorrem pelo fato da vítima ser mulher. Problematizando esses assassinatos a partir do gênero como categoria de análise, nos deparamos com casos de violência contra mulheres adquirindo notoriedade na mídia periódica do Brasil nos anos 1970. Analisamos então esse fenômeno no jornal Diário do Paraná entre os anos 1977 a 1981 e três casos que foram amplamente divulgados por esse jornal de circulação no Paraná. Tais casos partem do assassinato mulheres cujas narrativas adquirem, proporções diferentes. O primeiro, de repercussão nacional, sendo o assassinato de Ângela Diniz em Búzios por seu amante Doca Street. O segundo é o assassinato de Marinês Balro Lemanski, cujo acusado seria seu marido Henrique Lemanski e um cúmplice. Este se assemelha ao primeiro pela condição social dos envolvidos, mas se afasta por ser um crime de repercussão local e, por conta disso, ocupou um espaço de destaque nas narrativas do periódico. E, por último, o assassinato de Arlene Maria Hansel, professora e estudante da UFP, que foi estuprada e morta por alguém com quem não possuía contato ou relacionamento íntimo. Tal como o segundo há uma repercussão local, porém, ao contrário das demais não existem relações íntimas entre vítima e acusado. Durante o estudo, analisamos o desenvolvimento das narrativas impressas no jornal sobre os crimes, levantando hipóteses e trazendo conteúdos de opinião pública ou mesmo da própria polícia em suas páginas. Fica evidente o interesse por parte do jornal em publicar tais casos e o interesse por parte da sociedade leitora em acompanhar os novos desenlaces, o que promove maior cobertura e busca de novas informações. Como resultado, observamos no cenário nacional os crimes contra mulheres adquirindo notoriedade pela estranheza com que passavam a ser recebidos pela sociedade, demonstrando um desarranjo na até então naturalização desses crimes por meio da narrativa não legitimadora e punitiva sobre os homens acusados presente no periódico. Sendo apresentado ao público motivações como o ciúme, amor, sentimento de posse e mesmo bens materiais, assim como o horror do estupro e morte de uma mulher considerada indefesa. Mesmo que o jornal rompesse a legitimação da violência, ainda mantinha estereótipos atrelados a feminilidades e masculinidades como elementos norteadores na narrativa da mulher indefesa.

Palavras-chave: Jornal, Violência de Gênero, Narrativa.



COMO O BRASIL COMBATE A DESIGUALDADE SALARIAL?

Maria Eduarda Galvão de Oliveira (FAHESP/IESVAP e UESPI)
Norma Cristina de Aragão Oliveira Pinheiro Machado (UNESA)

Resumo: Na contemporaneidade, um dos principais empecilhos que as mulheres enfrentam no mercado de trabalho é a desigualdade salarial. Em 2009, as mulheres ganhavam 25% a menos que os homens, em 2017 essa porcentagem caiu para 20,7% e, em 2021 aumentou para 22%. Segundo uma pesquisa em 2021 da revista britânica, *The Economist*, a igualdade de gênero faz bem ao crescimento econômico, já que se as empresas tivessem mais mulheres como funcionárias, o PIB *per capita* da América Latina seria de 16% maior. Em 2009 o Ex-Deputado Federal Marçal Filho apresentou o projeto de lei PLC130/2011, Na Câmara dos Deputados, objetivando a incorporação na Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) de uma multa para punir empresas que paguem salários distintos para homens e mulheres na mesma função. Conforme a ONU, a brecha salarial de gênero no mundo é de 16%, concluindo-se que mulheres ganham ao redor de 84% do que é pago aos homens, podendo ser uma taxa ainda maior nos casos de mulheres que não são mães, imigrantes e mulheres negras. Uma pesquisa feita pelo IBE, em 2018 aponta que o rendimento médio das mulheres entre 40 e 49 anos era de R\$ 2.199, concomitante ao salário dos homens que chegava a R\$2.935. Ressalta-se que os valores tendem a se aproximar quando a faixa etária diminui, já que entre pessoas de 25 a 29 anos, a média do salário das mulheres era de R\$ 1.604, enquanto os homens recebiam R\$1.846. **OBJETIVO:** Realizar levantamento bibliográfico a respeito da desigualdade salarial e analisar as formas de combate desta iniquidade. **METODOLOGIA:** A pesquisa utiliza-se do meio bibliográfico, que auxiliou no aprofundamento do conhecimento prévio do tema, durante o período entre 15 de outubro e 24 de outubro de 2022. Como inclusão na pesquisa utilizou-se a motivação tendo como propósito descobrir as razões inconscientes e ocultas ou que influenciam comportamento e atitudes. Foram excluídos do estudo todos os dados que divergem do objetivo do trabalho. **RESULTADOS OBTIDOS E CONCLUSÕES:** A desigualdade salarial é um problema estrutural do mercado de trabalho que não só reverbera o machismo na sociedade, como também a carência de políticas que favoreçam a admissão de mulheres em ocupações e formações de maior remuneração. Planeja-se com este trabalho acompanhar a resolução da Lei N° 14.457 de 21 de setembro de 2022, que visa aplicar multa para as empresas que praticarem a distinção salarial entre homens e mulheres exercendo o mesmo cargo.

Palavras-chave: Isonomia Salarial, Igualdade de Gênero, Mercado de Trabalho.



DIREITO À SAÚDE PARA QUEM? EXPERIÊNCIAS DE MULHERES TRANS E TRAVESTIS NEGRAS NO ACESSO AOS SERVIÇOS DE SAÚDE

Renata de Souza Silva (PUC-RIO)

Resumo: Atualmente o Brasil, consta nas primeiras colocações no ranking de países onde a população LGBT, em especial as travestis e mulheres trans – particularmente as negras – sofrem graves violações de direitos humanos, por comportarem em seus corpos mais de um tipo de opressão colonial, principalmente no que tange o acesso aos serviços de saúde. O presente estudo tem por objetivo central compreender a partir de um olhar interseccional, como se configura o acesso destas aos serviços de saúde, levando em conta como essas mulheres, como pessoas em situação de extremo risco social, buscam a efetividade de seus direitos, por meio de estratégias de sobrevivência. As discussões do referido estudo são fundamentadas pelas correntes teóricas do feminismo decolonial, interseccionalidade e do transfeminismo, por apreender que este percurso teórico permitiria contemplar as falas de mulheres tão invisibilizadas pelo processo da colonialidade de poder e de gênero que permanece até os dias atuais. Assumindo o pressuposto que a existência de uma política nacional de atenção à saúde integral da população LGBT não é garantia de acesso aos serviços de saúde por mulheres trans e travesti negra é demonstrada por meio da dificuldade que estas têm seu acesso aos serviços de saúde, devido à discriminação. Utilizamos como técnica metodológica o grupo focal com 6 mulheres trans e travestis negras, a fim de valorizar a historicidade destas, dos significados/sentidos que atribuem às suas vivências, sentimentos, experiências, crenças etc., no acesso aos serviços de saúde pública. Nesse sentido, a promoção dos estudos científicos acerca dessa matéria favorece o surgimento de protocolos técnico-normativos para o atendimento das pessoas e resulta em um rompimento da visão heteronormativa racista que permeia tantas vezes as decisões políticas e sociais no que tange a garantia da igualdade de direitos. Investigar as interfaces que permeiam o atendimento à saúde de travestis e transexuais negras vítimas de violência possibilitará inferir sobre como diferentes eixos – aqui, os de gênero e de raça – se interconectam e incidem diretamente não só no fomento das políticas públicas de atendimento a saúde como também sobre o nível de compreensão que os profissionais responsáveis pelo atendimento têm a respeito de legislações, protocolos e fluxos existentes, especificamente os voltados a essa população. Ao final do estudo foi possível vislumbrar que Política Nacional de Saúde Integral LGBT, é algo que não está presente efetivamente na realidade cotidiana da vida destas mulheres, considerando que ao tentarem acessar os serviços saúde não são atendidas dentro da complexidade de suas vivências plurais, mas sim por meio de uma lógica reducionista segregatória, que ao reproduz mais invisibilidade social.

Palavras-Chave: Mulheres Trans e Travestis Negras, Transfeminismo, Feminismo Decolonial e Saúde.



“ISSO SE ALASTRA COMO MOFO”: A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER E A VIOLAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS EM *MAID* (2021)

Esther Pereira Araujo (UESPI)¹⁵
Renata Cristina da Cunha (UESPI)¹⁶

Resumo: Este trabalho é proveniente de uma pesquisa em andamento do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC-CNPq/2022-2023), da UESPI, que visa relacionar os principais conceitos da crítica literária feminista à análise do ciclo de violência doméstica contra a mulher e a violação dos direitos humanos representada em *Maid* (2011), série de apenas uma temporada, inspirada em uma história real e disponibilizada na plataforma Netflix. Por certo, ao que consta explicitamente na Declaração Universal dos Direitos Humanos, todo ser vivo, o que independe ao gênero, possui o direito de segurança pessoal, livre de qualquer tratamento degradante. Direitos estes que, em tese, deveriam ser respeitados e seguidos a rigor, sobretudo por defender uma pauta considerada, hodiernamente, do conhecimento de todos. O enredo de *Maid*, entretanto, conta a história de Alex, uma jovem mulher, da época atual, que corajosamente decide sair de casa com sua filha, Mad, após presenciar diversos comportamentos agressivos, constantes e por consequência estritamente degradantes por parte de seu namorado, Sean, que agora não mais se assemelha ao príncipe encantado de sua juventude, e sim a representação de violência doméstica que se inicia despercebidamente até chegar em proporções desesperadoras. Em face ao exposto, o presente trabalho aspira responder à seguinte questão: de que modo interligam-se a violação dos direitos humanos e a violência doméstica na vida da personagem Alex em *Maid* (2021), da Netflix? Com o intuito de elucidar esta indagação, foi estabelecido como objetivo geral investigar, à luz dos principais conceitos da crítica literária feminista, de que forma interligam-se a violação dos direitos humanos e violência doméstica na vida da personagem Alex, em *Maid*. Por conseguinte, no que diz respeito à metodologia, este trabalho é resultado de uma pesquisa de tipo bibliográfico-exploratório, com abordagem qualitativa, que busca em autores com vastas contribuições na área em questão para a análise dos acontecimentos da narrativa, tais como Minayo (2005), Tyson (2006), Bonnici e Zolin (2009). Os resultados parciais desta pesquisa apontam que a personagem Alex, assim como as inúmeras mulheres que ela representa, evidencia dificuldades em reconhecer que seus direitos básicos a qualidade de vida, respeito e liberdade estão sendo violados dentro de seu relacionamento. Essencialmente, da mesma maneira que sucedeu com a personagem, diversas mulheres ao longo da história somente discerniam como violência real os danos físicos, relevando ou minimizando assim as degradações emocionais, psicológicas e financeiras que claramente estavam sendo desenvolvidas progressivamente. Conclui-se, então, que Alex inicialmente não considerava estar sofrendo abusos reais por parte de Sean, mas aprende com o árduo distender da sua

¹⁵ Acadêmica do quarto período do curso de Licenciatura em Letras Inglês na Universidade Estadual do Piauí (UESPI), campus Prof. Alexandre Alves de Oliveira; Bolsista PIBIC-CNPq (2022/2023). E-mail: estherparaujo@aluno.uespi.br

¹⁶ Doutora em Educação pela UFSCar e professora adjunta do curso de Letras Inglês da UESPI, campus Parnaíba; Orientadora PIBIC. E-mail: renatacristina@phb.uespi.br



I SEMINÁRIO NACIONAL DE GÊNERO E DIREITOS HUMANOS

FUNDAMENTOS, PERSPECTIVAS E EXPERIÊNCIAS CONTEMPORÂNEAS



trajetória quão tênues são as linhas entre a agressividade machista e a violência doméstica contra a mulher e os seus direitos.

Palavras-chave: Corrente Feminista, Direitos Humanos, Violência Doméstica.



MOVIMENTO LGBTQI+: UMA ANÁLISE INTERSECCIONAL A PARTIR DO LAMPIÃO DA ESQUINA E DO BOLETIM CHANACOMCHANA (1978-1987)

Gizele Virginia da Silva (UESPI)¹⁷

Resumo: O presente trabalho busca analisar temas transversais e agenciamentos políticos que surgiram nos periódicos, Jornal Lampião da Esquina e o Boletim Chanacomchana. Ambos os periódicos circulam nos anos 1978 a 1987, contexto de ditadura civil-militar brasileira, período marcado por forte repressão, opressão e censura. Os periódicos em questão fazem parte do que chamava-se de mídia alternativa, se inserindo nos espaços públicos de discussões, propondo novas abordagens e temas que geralmente os grandes meios de comunicação não evidenciavam, sobretudo no debate das questões de gênero, sexualidade, feminismo, raça e direitos humanos, além disso, tais publicações auxiliaram no sentido contribuir para estabelecer pautas voltadas ao público homossexual no cenário jornalístico nacional possibilitando assim a ampliação coletiva da autoestima, auto identificação, organização política e cultural para a população homossexual, delimitando um movimento social homossexual no Brasil daquela época. Nossa pesquisa, ainda em estágio inicial, busca compreender diferenças e similaridades discursivas que as produções jornalísticas apresentam, visto que partem de posições sociais diferentes: o Jornal Lampião da Esquina é produzido e coordenado por um grupo de intelectuais brancos da região sudeste, já o Boletim ChanacomChana é elaborado pelo grupo GALF (Grupo Ação Lesbica-Feminista). É necessário ampliar os estudos de gênero e sexualidade, de forma a perceber os grupos de afirmação homossexual como movimentos sociais que buscam debater e combater a discriminação de gênero, sexualidade, identidade, raça, classe, entendendo que o debate proposto por eles é amplo e diverso.

Palavras-chave: Interseccionalidade, Chanacomchana, Lampião da Esquina.

¹⁷ Graduanda do curso de Licenciatura plena em História pela Universidade Estadual do Piauí - UESPI



NÃO GESTEI, E DAÍ?: PERSPECTIVAS DE UMA VIDA SEM FILHOS

Thayná Guedes Assunção Martins (UEPG)¹⁸
Georgiane Garabely Heil Vázquez (UEPG)¹⁹

Resumo: Considerando-se a importância cada vez mais imprescindível das discussões em torno das mulheres diante de novos significados que estão sendo incorporados a suas vivências, nos quais transcendem os limites das concepções (im)postas cultural e socialmente, é que o não desenvolvimento da maternidade vem sendo uma realidade na vida de muitas mulheres, devendo-se a diversos fatores, sejam ligados a saúde, a concepções de ideais de família, pela própria escolha das mulheres, pela maior inserção feminina no mercado de trabalho e níveis de escolarização, dentre outras tantas questões. O presente texto parte de um recorte de uma pesquisa maior na qual encontra-se em fase de gestação objetivando como resultado a dissertação de mestrado. Diante disso é que este estudo propõe uma abordagem sobre o não desenvolvimento da condição materna a partir de mulheres solteiras nascidas entre as décadas de 1950 e 1960 e que tiveram suas construções sociais e culturais em Teresina-PI. Em vista disso, o trabalho buscou investigar até que ponto a condição de solteiras foi fator de interferência para o não desenvolvimento da maternidade biológica. A escolha do recorte temporal pode ser justificada pelo período anterior a implantação da pílula contraceptiva (1950), momento de surgimento da mesma (1960), e o período posterior a essa difusão (1970). Contudo, a medida que a pesquisa foi sendo estruturada foi possível perceber que o recorte temporal do estudo deveria ser ampliado, chegando ao período de segunda metade do século XX. Justifica-se ainda a escolha do recorte espacial, a cidade de Teresina-PI, cidade de origem da pesquisadora, além do fato de a região não possuir pesquisas com tal temática. Como fonte primária para este estudo optou-se pela História Oral, entendendo ser a melhor maneira de compreender aspectos tão íntimos de vivências femininas, dialogada com o uso de bibliografias referentes ao tema. Como (in) conclusões foi possível perceber a forte presença da influência cultural regional nos modos de vivência das mulheres participantes desse estudo, de como a maternidade ainda era e é concebida para elas, de modo a ser acompanhada de uma relação marital, uma constituição de família, bem como a presença marcante de aspectos religiosos incorporados na formação dessas mulheres que foram determinantes nos modos como seguiram uma vida sem filhos. Contudo, a não chegada da maternidade não se fez de fator de tristeza na vida dessas mulheres, contrariando as concepções estereotipadas sobre o ser mulher diante daquilo que foge à regra dos papéis impostos tradicionalmente. As colaboradoras desse estudo configuraram outras formas de viver, onde a não presença da maternidade é apenas uma parte dessa vida.

Palavras-chave: História, Não maternidade, Solteiras.

¹⁸ Mestranda em História, Cultura e Identidades pela Universidade Estadual de Ponta Grossa- UEPG e bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES); e-mail: Thaynaguedes1996@gmail.com

¹⁹ Doutora em História pela Universidade Federal do Paraná-UFPR. Professora do departamento de História da Universidade Estadual de Ponta Grossa- UEPG e dos Programas de Mestrado em História (PPGH/UEPG) e PROFHISTÓRIA/UEPG. E-mail: profgeorgiane@hotmail.com



“OS CASOS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA QUE TRANSITAM MARCHAM PARA O NADA”: A APLICABILIDADE DA LEI MARIA DA PENHA EM UMA COMARCA PIAUIENSE (2006 a 2016)

Ângela Maria Macêdo de Oliveira (UESPI)

Resumo: A violência de gênero contra as mulheres é um problema social e é grave, entretanto, o assunto era considerado privado e não público, político-social. Vista como problema de foro íntimo, essa realidade começou a mudar na segunda metade do século XX, notadamente entre a segunda metade dos anos 1970 e início dos anos 1980, quando a violência nos relacionamentos entre casais foi pauta do movimento feminista, que fez diversas campanhas, inicialmente com os *slogans* como “o pessoal é político” e “quem ama, não mata”. Esse movimento impulsionou o debate social e a conscientização da sociedade brasileira para a importância de combater a violência contra as mulheres, denunciar a impunidade dos assassinos de companheiras ou ex-companheiras. No dia 07 de agosto de 2006, foi instituída a Lei 11.340/2006, conhecida como Lei Maria da Penha (LMP), considerada marco legislativo e social no enfrentamento contra todas as formas de violências cometidas contra as mulheres no país: psicológica, sexual, moral, física e patrimonial. A LMP foi a primeira a tratar a violência doméstica e familiar de forma especializada, criou mecanismos para punir, erradicar e prevenir a violência doméstica e familiar. Entretanto, o país antes de 2006, já era signatário de Convenções, que inclusive o legislador se baseou para construção da Lei, o inciso 8º do artigo 226 da Constituição de 1988, também já determinava a proteção à família, explicitando que era dever do Estado criar mecanismos para coibir esse tipo de violência. Desse modo, enfatizo que não faltavam documentos legais para coibir a violência doméstica, o que faltava era o reconhecimento e o tratamento específico. Mesmo com o grande avanço que representou e representa a lei no combate à violência doméstica e familiar contra as mulheres, a sua eficácia ainda depende daqueles a quem cabe a sua aplicação. Este texto analisa a aplicabilidade da LMP em uma comarca piauiense, foram analisadas uma amostra, de um total de 116 fontes judiciais, processos criminais e medidas cautelares (medidas protetivas), enquadrados na Lei Maria da Penha – LMP, analiso fontes criminais que tramitaram na Comarca entre 2006 e 2016. Tecemos diálogos com as seguintes autoras/es VASCONCELOS (2020), DIAS (2019), MEDEIROS (2016), SOIHET (1989), GRINBERG (2012), FOUCAULT (1992,1996) e NEVES (1994), argumento que a violência de gênero contra as mulheres é reflexo da desigualdade, da misoginia e do patriarcado, que, infelizmente, ainda estrutura algumas famílias piauienses. E que a aplicação da LMP na comarca analisada oscila entre eficácia simbólica e eficácia instrumental.

Palavras-chave: História, Lei Maria da Penha, Eficácia.

The background is a light beige color with faint, stylized illustrations. On the left, there are two overlapping figures: one with long blonde hair and a purple top, and another with dark hair and a blue top. On the right, there is a blue rectangular shape with a green arrow pointing up and to the right, and a red flower-like symbol. At the bottom right, there is a green symbol resembling a female symbol with a cross and a circle.

SIMPÓSIO TEMÁTICO 7

**A CRÍTICA PÓS-COLONIAL E OS ESTUDOS SOBRE GÊNERO:
DIÁLOGOS EMERGENTES PARA O CAMPO DAS CIÊNCIAS
HUMANAS E SOCIAIS**

Profa Silmária Reis dos Santos

SIMPÓSIO TEMÁTICO 07

A CRÍTICA PÓS-COLONIAL E OS ESTUDOS SOBRE GÊNERO: DIÁLOGOS EMERGENTES PARA O CAMPO DAS CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

Silmária Reis dos Santos (UFBA).²⁰

Nos últimos anos, o pensamento pós-colonial tem adentrado significativamente o campo das ciências humanas e sociais no Brasil, sobretudo com a emergência do debate decolonial, os estudos subalternos indígena, a proposta das epistemologias do sul, pensada por Boaventura dos Santos e Maria P. Meneses, e o revisionismo dos estudos clássicos dos pós-coloniais afrodiaspóricos de meados do século XX, com Frantz Fanon, Albert Memmi, Aimé Césaire e Edward Said. Estes(as) intelectuais comportam um debate internacional e, em pesquisas atuais, têm se encontrado com o debate anticolonial brasileiro, com autoras(es) como Beatriz Nascimento, Lélia Gonzalez, Nilma Lino Gomes, Neusa Santos, Sueli Carneiro, Ailton Krenak, Davi Kopenawa, Paulo Freire, Abdias do Nascimento, entre outros(as). No âmbito de uma prática descolonial e interdisciplinar, essas diferentes vertentes de pensamento têm dinamizado as pesquisas brasileiras, sobretudo nas discussões sobre gênero, que tem no seu cerne a crítica aos ditames do sistema moderno colonial e da colonialidade nas práticas políticas, culturais, sociais e econômicas dado o enaltecimento do patriarcalismo nesses diferentes setores da sociedade. Como embate a esse enaltecimento, afirma Maria Lugones, “Descolonizar o gênero é necessariamente uma práxis. É decretar uma crítica da opressão de gênero racializada, colonial e capitalista heterossexualizada visando uma transformação vivida do social” (LUGONES, 2014, p. 940). Pensando a pesquisa empírica como resistência ao “sistema moderno/colonial de gênero” (LUGONES, 2014), sobretudo no âmbito da “colonialidade do saber (LANDER, 2005), este Simpósio Temático busca abarcar trabalhos que dialoguem com estudos pós-coloniais e pesquisas sobre gênero. A intenção é fazermos um diálogo expansivo visando uma troca de referências para o desenvolvimento de nossas respectivas pesquisas. De modo geral, buscamos visibilizar experiências teórico-metodológicas na abordagem de diferentes temáticas e fontes históricas voltadas a complexidade das discussões sobre gênero na historiografia hoje.

²⁰ Doutoranda UFBA-bolsista CNPq. E-mail: silreis.reis@gmail.com





A BOCA CALA E O CORPO FALA: A EXPRESSÃO DO CORPO E O SILÊNCIO DE YEONGHYE EM *A VEGETARIANA* DA ESCRITORA HANG KANG

Ieda Sousa da Cunha (UESPI)

Resumo: A crítica pós-colonial nos permite refletir sobre a forma de construção da personagem principal da obra *A vegetariana* da escritora Hang Kang. Assim como todas as suas relações dentro da narrativa, fazendo com que o romance seja o retrato verossímil de relacionamentos falidos. Desse modo, as ações e cenas que equivalem a denúncia de vínculos emocionais alicerçadas em um sistema patriarcalista ditam todo o desfecho da obra de Kang. Este trabalho busca suscitar discussões acerca das formas de construções do silenciamento, do corpo e da loucura na literatura através da investigação do romance *A vegetariana*, escrito pela sul-coreana Han Kang. A partir de um ângulo que privilegia questões do silenciamento feminino O romance de Kang desconstrói a figura da personagem Yeonghye ao criar uma narrativa em que cenas expressam desprezo, abandono, violência e tentativa de suicídio. Na assertiva em dissertar sobre a construção da narrativa *A vegetariana*, de Han Kang apoiados nas teorizações que tratam do silenciamento feminino, é fundamental situarmos teoricamente e de forma breve um ponto central da reflexão a qual objetivamos tecer, que é a desconstrução tanto da personagem Yeonghye quanto dos outros personagens numa perspectiva de refletir suas ações e atitudes. Ratificamos através de Bourdieu (2002) que a “ordem das coisas” é fundamentada numa visão sexista e patriarcalista, assim como todas as partes de uma casa são sexuadas, a sociedade também é uma construção opressivamente sexista. Simultaneamente, ao analisarmos a ótica de elaboração estrutural da narrativa, percebemos que a personagem Yeonghye é silenciada em todo o desenvolvimento da obra, que é narrada por Jeong seu marido, por seu cunhado e por sua irmã. Segundo, o seu não encaixe corresponde a um sistema de dominação e opressão que a localiza triplamente na margem, pelo fato de ser três vozes narrativas que falam por ela. É, portanto, a partir dessa tríade narrativa que pensamos o apagamento de Yeonghye como algo estruturalmente patriarcal e sexista. Como embasamento teórico utilizaremos os trabalhos dos seguintes estudiosos: Adichie (2015); Bourdieu (2010); Perrot (2017); Ribeiro (2017); Spivak (2010); Kolontai (2007) e Butler (2003). *A vegetariana* pode despertar discussões acerca dos estudos sobre a relação de domínio entre os gêneros, podendo causar angústia na medida que seja abordada nessa perspectiva de análise, como também em outras abordagens tendo em vista que é uma narrativa com múltiplas significações.

Palavras-chave: Corpo, Silêncio, Yeonghye.



A LITERATURA INDÍGENA FRENTE AO SILENCIAMENTO INDÍGENA NA ESCOLA: DECOLONIALIDADE E ESCRITA DE MULHERES INDÍGENAS

Jairo da Silva e Silva (IFPA e UESC)

Resumo: Este trabalho reverbera a potência pedagógica da literatura indígena brasileira na contemporaneidade (DORRICO, 2018) frente às práticas de silenciamento de vozes dos povos originários na sala de aula; considerando, em específico, a escrita de mulheres indígenas. Objetiva-se, portanto, lançar luz à produção indígena feminina que busca na literatura contemporânea o meio para contar/registrar suas próprias narrativas que expõem as marcas da ancestralidade, memória, saberes e resistências frente ao sistema de opressões do colonialismo, racismo, misoginia e demais desigualdades e opressões sociais tendo em vista sua respectiva relevância pedagógica para além da efetividade da Lei nº 11.645/2008 [a qual dispõe acerca da obrigatoriedade do estudo da história e cultura indígena e afro-brasileira na educação básica]. Para tanto, direcionou-se tal produção literária às práticas pedagógicas de formação inicial e continuada no âmbito de um dos *campi* do Instituto Federal do Pará (IFPA), o *Campus* Abaetetuba. Dentre tais práticas, a oferta de oficinas pedagógicas e minicursos sobre distintas temáticas indígenas. Assim, este trabalho apresenta alguns desdobramentos da oficina “Não somos Iracema” (SILVA, 2020) enquanto atividade de pesquisa, culminando em ensino (pois, foi realizada com alunos do referido *Campus*) e extensão (adaptada, foi realizada com professores da rede pública da região de atuação da instituição). Quanto à metodologia, trata-se de uma abordagem qualitativa segundo as teorias de Linda Tuhiwai Smith (2018), intelectual do povo Maori, no que diz respeito à descolonização de metodologias frente à pesquisa com povos indígenas. Quanto ao subsídio teórico, mobilizou-se estudos filiados ao pensamento Decolonial (QUIJANO, 1992; MIGNOLO, 2008) bem como à Literatura Indígena Contemporânea (DORRICO et al, 2018; GRAÚNA, 2006, 2013). Em relação aos resultados, constatou-se que no âmbito escolar há certo grau de desconhecimento da produção literária indígena, que, por sua vez, implica apagamento e silenciamento de vozes indígenas em outros circuitos educacionais e sociais, tal como a ausência da literatura indígena em provas do Enem, por exemplo, [desde o advento da Lei 11.645/2008 até o exame de 2020, entre as 400 questões de literatura presentes nas 24 provas da área de conhecimento “Linguagens, Códigos e suas Tecnologias”, apenas 1 aborda a literatura indígena e ainda é excerto de obra escrita por um escritor (SILVA, 2020). Sendo assim, este trabalho se justifica pelo fato do favorecimento à compreensão da potência pedagógica da literatura indígena brasileira frente às práticas de silenciamento às vozes originárias na história do presente; considerando, especialmente, a escrita de mulheres indígenas quando oportunizadas na escola.

Palavras-chave: Ensino de literatura indígena, Escritoras indígenas, Decolonialidade.



ENTRE DELORY-MOMBERGER (2008), PEREIRA E MOTA (2015), O FEMINISMO NEGRO, A LUTA PELA EDUCAÇÃO TRANSGRESSORA E A INVEÇÃO, NÃO SÓ DO COTIDIANO

Edivonha Leite dos Santos²¹

Daiane Santana Santos²²

Resumo: Narrativas diversas constituem, até hoje, a história da humanidade. Cartas, diários (de bordo, pessoal) e tantos outros documentos que a historiografia tipifica como fonte. Porém, é muito recente ainda a construção de narrativas em que a pessoa narrada ocupa o lugar que dá voz ao sujeito de si, do texto e, conseqüentemente, da vida posta. Assim, pensar sobre a escrita de si de mulheres negras que lutam para constituir suas vozes em escutáveis, mediante a trajetória de luta pela educação transgressora (que educa para a liberdade e ao sabê-lo, educa-se com primor, o que se lê, boas condições de formação) é inventar o cotidiano, é inventar-se mediante a ficcionalização de narrativas outras, estas em que as pessoas envolvidas tomam a palavra-verbo para si e falam de si, entoam em gestos a edificação da vida que se deseja no horizonte possível do ser mulher, ser nordestina, ser negra, professora-pesquisadora, estudante de doutorado. Portanto, afirmar essas vozes é constituir um discurso pós-colonial, afrofuturista, é afirmar outros brasis.

Palavras-chave: Narrativa de vida, Educação transgressora, Gênero.

²¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), linha de pesquisa Literatura, produção cultural e modos de vida. Orientador: Prof. Dr. José Carlos Felix. Endereço eletrônico: edivonhaleite@hotmail.com.

²² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (/PPGH/CCHLA UFRN). Orientador: Francisco das Chagas Fernandes Santiago Júnior. Endereço eletrônico: dsantana.st@gmail.com.



FEMINISMOS DECOLONIAIS NA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA

Silmária Reis dos Santos²³

Resumo: Considerando o aumento significativos dos estudos sobre o pensamento decolonial no Brasil, esta apresentação tem como objetivo trazer uma reflexão teórico-metodológica sobre os feminismos decoloniais na historiografia brasileira. Quais são nossas demandas? O que faz com que nossas pesquisadoras(es) se debrucem nessa vertente de pensamento? Para isso, foram avaliados sete artigos acadêmicos publicados nos dez últimos anos. Ademais, viso também apresentar as principais temáticas, metodologias, "lugar social" (CERTEAU, 1985) e o "lugar epistêmico" (BERNARDINO-COSTA; GROSGOUEL, 2016) das autoras decoloniais e das pesquisadoras(es) brasileiras, abarcando nossas demandas, perspectivas e dificuldades no campo da História em adentrar nessa vertente de pensamento. Logo, se faz preciso avaliar a historicidade, a trajetória e a recepção do pensamento decolonial no Brasil, como forma de compreender as relações que os(as) historiadores(as) brasileiros(as) estabelecem com o pensamento feminista decolonial, sobretudo com as autoras centrais dessa vertente de pensamento, como Maria Lugones, Glória Anzaldúa, Rita L. Segato, Ochy Curiel e Catherine Walsh, pesquisadoras mais citadas nas nossas pesquisas. No âmbito de uma historiografia que requer uma emergência no debate sobre as questões de gênero, de raça e de classe, entremeada pelos diversos feminismos. Como resultado da pesquisa, percebemos que a categoria de gênero na sua interpretação binária (homem/mulher) está concomitante intrínseca ao processo de colonização, isto é, a mentalidade do colonizador. As relações de poder entre o patriarcado branco e heterossexual para com os demais grupos sociais de diferentes raças, classes, etnias, etc., subalternizou vários grupos ao longo da história da modernidade. A propositiva desses trabalhos questionam os fundamentos excludentes e, para isso, investem na problematização da ciência da história vinculada na formação do nosso imaginário social, sobretudo no âmbito escolar. Os/as pesquisadores/as também buscam tensionar a discussão em torno de conceitos canônicos engendrados na ciência histórica que, na maioria das vezes, são poucos questionados. Para a professora Ana Carolina Barbosa Pereira (2018), diferente das Ciências Sociais onde o debate sobre a autocritica em torno da dependência acadêmica no "norte global" é uma realidade, na História, a realidade é outra, "antes de superar a dependência, nosso campo exige que enxerguemos e problematizemos a dependência" (PEREIRA, 2018, p. 109). Nessa Seara de discussão, percebemos que esses trabalhos na suas perspectivas "interseccionais" sobre a decolonialidade, feminismos e discussões de gênero, mobilizam a área de História da Historiografia e Teoria da História. Se no pensamento acadêmico o debate sobre as questões de gênero e feminismos é uma realidade, o desafio maior é adentrar tais discussões no campo da educação escolar básica. Desse modo, diante dessas proposições e conflitos, espera-se que essa apresentação contribua para possíveis caminhos de reflexão e esperança que dialoguem diretamente com possíveis políticas públicas no nosso país.

Palavras-chave: Feminismos; Decolonialidade, Historiografia brasileira.

²³ Doutoranda/PPGH-UFBA. E-mail: silreis.reis@gmail.com



SIMPÓSIO TEMÁTICO 8

**DECOLONIZANDO O GÊNERO:
PERSPECTIVAS AFRICANAS, AFRODIASPÓRICAS E INDÍGENAS**

Fernanda Vieira de Sant' Anna
Jânderson Albino Coswosk

SIMPÓSIO TEMÁTICO 08

DECOLONIZANDO O GÊNERO: PERSPECTIVAS AFRICANAS, AFRODIASPÓRICAS E INDÍGENAS

Profa Dra Fernanda Vieira de Sant' Anna (UEMG)
Profa Jânderson Albino Coswosk (IFES)

A formatação dos espaços colonizados sob o olhar eurocêntrico caminhou em paralelo ao surgimento das categorias raciais e de gênero, fortalecendo uma ideia ocidental da história humana pautada na prevalência de um conhecimento cartesiano, validado em detrimento àqueles instituídos pelos povos originários de Abya Yala (Américas), africanos e afrodescendentes. A compreensão histórica de tais categorias deve levar em conta os múltiplos processos de invasão, expropriação territorial, o transporte compulsório e a escravização de povos oriundos de Abya Yala, de África e da Ásia através do empreendimento colonial europeu ocorridos ao longo dos últimos cinco séculos, os quais impulsionaram a consolidação do capitalismo e da industrialização, da formação dos Estados-nação e das transformações histórico-culturais advindas da hegemonia europeia sobre os espaços colonizados (OYËWÙMÍ, [1997] 2021). Existências milenares foram rasuradas pela tentativa de imposição de uma monocultura de ser/existir ocidental que despreza identidades divergentes de tal empreendimento colonial. Desta forma, o presente simpósio acolhe trabalhos que questionam tais premissas, ao investirem em epistemologias africanas, afrodiáspóricas e de Abya Yala que desenham outras formas de ser e estar no mundo a partir da literatura, das artes plásticas, cinematográficas e visuais. Priorizaremos estudos cujo foco destitua o (cis)gênero masculino como propulsão do conhecimento que organiza a cultura, os corpos e os afetos para acolher trabalhos que dialoguem com i) produções artístico-literárias indígenas de temática queer/cuir e twospirit; ii) produções artístico-literárias africanas e/ou afrodiáspóricas de temática queer/cuir; iii) expressões artístico-literárias indígenas, africanas e afrodiáspóricas, mulheridades e masculinidades dissidentes; iv) decolonização do gênero e vertentes teórico-críticas afro-indígenas em oposição à heterossexualidade compulsória; v) feminismos decoloniais, mulheridades e entronque patriarcal.





**A DIÁSPORA REPRESENTADA EM *CIDADÃ DE SEGUNDA CLASSE*: UMA
PERSPECTIVA DECOLONIAL**

Bruna Agliardi Verastegui (ULBRA)

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo analisar as representações de diáspora contidas na obra *Cidadã de Segunda Classe*, de autoria da nigeriana Buchi Emecheta. De acordo com a pesquisadora Nadaswaran (2012), Emecheta dedicou sua vida para tornar visível a fonte de seus escritos e a luta da mulher nigeriana por sua independência e empoderamento. Nas suas narrativas, ela aborda os sistemas de opressão feminina perpetuados pela sociedade patriarcal e pela cultura. O livro, traduzido e publicado no Brasil em 2018, traz como protagonista Adah, uma mulher negra e africana que decide deixar seu país de origem, Nigéria, rumo à Inglaterra, em busca de melhores oportunidades. Em seu processo diaspórico, Adah enfrenta muitas opressões por ser uma mulher negra e africana na Europa, o que demonstra que marcadores como raça, gênero e classe são construídos de forma interseccional. No âmbito metodológico, faz-se uma análise cultural da obra *Cidadã de Segunda Classe* (2018); já no âmbito teórico, faz-se uso dos Estudos Culturais, Estudos Decoloniais e de gênero, através das pesquisas de bell hooks (2020); Kim Butler (2020); María Lugones (2020); Patricia Hill Collins (2021); Oyeronke Oyewumi (2020); Stuart Hall (2003); entre outros. Ademais, esta pesquisa, através das representações de diáspora encontradas na narrativa, busca comprovar a concepção de Butler (2020), que interpreta a diáspora, também, como uma forma de empoderamento, afastando-se de uma concepção que caracterizava esse movimento a partir dos sentidos de “impotência, saudade, exílio e deslocamento”. Essa recente concepção da diáspora pode ser aplicada no caso das narrativas da escritora Buchi Emecheta, uma vez que, após a personagem Adah migrar para Londres, apesar de todas as adversidades e opressões raciais, de gênero e classe, ela conseguiu estudar, separar-se do marido e começar a trabalhar com o que queria, isto é, com literatura. Pretende-se ressaltar, também, a forma como a ficção de Emecheta se mescla às suas próprias memórias, uma vez que a escritora, de fato, deslocou-se da Nigéria para Londres, isto é, foi uma mulher negra, africana e imigrante. Nesse sentido, se por um lado pode-se considerar que as obras literárias de Buchi Emecheta uma mistura de elementos autobiográficos e ficcionais, por outro lado, podemos também classificá-las como literaturas diaspóricas, que narram o deslocamento e as experiências da personagem Adah, tanto na terra natal como no exterior. Segundo Iara Bonin (2007, p. 50), “as narrativas produzem o que somos, produzem o mundo em que vivemos”. Nesse sentido, as narrativas são uma forma discursiva de representarmos e significarmos uma vivência, uma situação, uma memória. Em outras palavras, nas narrativas autobiográficas, o foco é como a autora se autorrepresenta, como constrói as narrativas de si e quais os significados que atribui às suas experiências.

Palavras-chave: Buchi Emecheta, Diáspora, Representação.



FEMINISMOS, INTERSECCIONALIDADES, DECOLONIALIDADES E DIREITOS HUMANOS

Edmeire Oliveira Pires²⁴

Resumo: A Constituição brasileira (1988) defende a liberdade, igualdade e dignidade de todos os cidadãos brasileiros, independente de gênero, raça ou condição socioeconômica. Entretanto, sabemos que estruturas opressoras eurocêntricas, estabelecidas por meio dos processos coloniais, como o heteropatriarcado e o racismo, baseados na subjugação de povos, culturas e territórios, promovem preconceitos, exclusões, violências e mortes, colocando em risco a garantia dos direitos humanos a essas minorias oprimidas. Objetiva-se destacar a potencialidade do pensamento feminista negro, interseccional e decolonial no debate sobre desigualdades e violências como feminicídio e epistemicídios promovidos pelo racismo estrutural, pelo patriarcado e pela heteronormatividade compulsória. Bem como, refletir sobre lutas e conquistas advindas do Movimento Feminista, Negro e Decolonial que corroboram para a consolidação dos direitos humanos. Utiliza-se uma abordagem metodológica bibliográfica e qualitativa, ancoradas no diálogo com autoras feministas, antirracistas e decoloniais. Resultados obtidos. O empreendimento colonial europeu, por meio de processos de invasão, expropriação e escravização de povos indígenas e afrodescendentes consolidou o sistema capitalista e a hegemonia europeia. Assim, a modernidade/colonialidade legitimou a concepção eurocêntrica branca, cristã, patriarcal e cisheteronormativa como universal, a partir do binarismo cartesiano que invisibiliza e marginaliza outras formas de ser e estar no mundo, como as experiências dos povos originários americanos dos afrodiáspóricos. Deste modo, categorias de raça, gênero e sexualidade foram instituídas a fim de hierarquizar culturas e territórios dissonantes da lógica hegemônica. No entanto, historicizar tais categorias, situando-as no tempo e no espaço, é considerar a diversidade e a pluralidade de compreensões de mundo dissonantes, a partir do questionamento da premissa da histórica única. Para tanto, é imprescindível acolher e dialogar com epistemologias feministas, antirracistas e decoloniais que promovam a destituição da visão dominante e a valorização da multiculturalidade. Conclusões. A consolidação dos direitos humanos num sistema capitalista com políticas de Estado mínimo, austeridade e meritocracia, se faz de difícil alcance. Portanto, é necessária a ação intervencionista do Estado na construção de políticas públicas de proteção e inclusão que promovam o bem-estar. A efetivação desses direitos na sociedade está atrelada a reformas de base que combatam estruturas opressoras neocolonialistas e neoliberais. Nesse sentido, é imprescindível a consideração da diversidade étnica, de gênero e sexualidade, sociocultural, religiosa, territorial e geracional e suas interseccionalidades na experiência dos sujeitos. Para tanto, há que se considerar as demandas dos movimentos sindicais, do movimento negro, feminista, lgbtqi+, anticapacitistas, antiimperialistas, entre outros. Constata-se que, as epistemologias feministas, antirracistas e decoloniais e a educação popular, capilarizada nos movimentos sociais e, engajada na ação emancipatória dos sujeitos promovem uma contra narrativa que corrobora com a luta em defesa dos direitos humanos, portanto é

²⁴ Instituto de Educação Superior Kyre'y Saso. E-mail: meireoliveira18@hotmail.com



I SEMINÁRIO NACIONAL DE GÊNERO E DIREITOS HUMANOS

FUNDAMENTOS, PERSPECTIVAS E EXPERIÊNCIAS CONTEMPORÂNEAS



instrumento crucial na promoção da conscientização em direção à sociedade inclusiva e equânime.

Palavras- chave: Feminismos, Antirracismo, Direitos humanos.



MEMÓRIAS ANCESTRAIS NA POESIA DA AUTORA PORTO-RIQUENHA MAYRA SANTOS-FEBRES: RESGATE E REDESCOBERTA DE SI

Déborah Alves Miranda
Macksa Raquel Gomes Soares

Resumo: A literatura escrita por mulheres tem resgatado ao longo do tempo memórias, histórias e vivências antes esquecidas. No delinear das palavras, se reescreve a história de si e ao mesmo tempo, coletiva-se contribuindo para o ecoar de múltiplas vozes. No contexto caribenho e latino-americano temos acompanhado a presença expoente de mulheres na literatura que tem contribuído para o desenterrar de memórias por um olhar feminino, desarquivando sabedorias, lutas e resistências. As autoras caribenhas têm questionado os lugares de submissão quando reexaminam representações depreciativas e legados deixados pelo colonialismo, pelo patriarcado e outras diversas relações sociais no que se refere às mulheres negras para “reescrever novas identidades femininas” (SALES, 2021, p.73). Mayra Santos-Febres, autora porto-riquenha, é poeta, romancista e professora de literatura. Aclamada por seus escritos, Santos-Febres inicia esse processo enquanto escritora na infância, tornando-se uma das mais importantes escritoras e intelectuais contemporâneas negras. No poema que aqui pretendemos analisar, por intermédio de memórias de sua avó, a autora descoloniza os silêncios históricos, sua literatura propõe o resgate de ensinamentos ancestrais através de memórias vivas ainda nesse eu, nesse corpo que escreve e reescreve em si memórias através da literatura, e, assim devolve a humanidade dessas mulheres ancestrais/*ancestras* que o colonialismo apagou. A autora negra reedita memórias da mais velha para refletir sobre suas dores, sobretudo, sobre sua condição feminina em um processo de resistências, assim, o eu-sujeito sai da condição objeto e reelabora dignidades e novos discursos. Mayra Santos-Febres em sua poesia reedita a simbologia da *abuela* (*avó*) e a potência de seus saberes, muitas vezes medicinal e místico, a ancestralidade da presença dessa mais velha abençoada escrita do eu-sujeito que faz por meio desta um caminho contínuo de rememoração. Diante disso, o nosso objetivo neste trabalho é discutir como as memórias ancestrais, a partir da figura da *abuela*, se apresentam na poesia da autora porto-riquenha Mayra Santos-Febres. Nossos primeiros resultados apontam que o texto da autora ressignifica humanidades, elaborando novos significados, o do ser sensível, do corpo que sai da condição de objeto, reconstituindo-se por meio desse olhar ancestral. A autora reelabora novos pertencimentos no que diz respeito à diáspora negra, uma vez que promove rupturas e trocas através da escrita produzida por mulheres negras propondo, deste modo, novos olhares sobre os vieses do feminismo negro, ancestralidade negra-africana, especialmente, o olhar sobre si, enquanto corpo fraturado e historicamente violentado. Assim, a autora porto-riquenha se inscreve politicamente de enunciação e anunciação para discutir temas caros às mulheres, principalmente, àquelas aquém da sociedade. Nesse tecer de caminhos, utilizaremos como aporte teórico os estudos de Kilomba (2019), Mignolo (2017), Curiel (2020), Sales (2021), Martins (2003), Halbwachs (2006) e outras/os.

Palavras-chave: Memória ancestral, Escrita de si, Literatura Feminina.



**UMA OUTRA HISTÓRIA DAS ARTES TÊXTEIS A PARTIR DAS
COSMOVISÕES DOS POVOS ORIGINÁRIOS DA AMÉRICA LATINA: OS
MANTOS DE GLICÉRIA TUPINAMBÁ**

Adriene Coelho Ferreira Jerolimski (UFPEL)
Maristani Polidori Zamperetti (UFPEL)

Resumo: A história da arte vem passando por importantes transformações metodológicas nas últimas décadas. Desde que as vanguardas artísticas romperam com a ideia de Belas Artes, entraram em cena novas materialidades e as práticas têxteis alcançaram maior visibilidade, incorporando o discurso político e servindo como suporte para refletir sobre violências, gênero, estética, sociedade e política. Tivemos muitíssimos avanços, mas percebemos que a grande maioria das fontes sobre a inserção das artes têxteis no campo das artes ainda trazem principalmente obras que se utilizam das técnicas dos colonizadores (crochê, tricô, bordado). Desconhecemos ou desvalorizamos técnicas ancestrais. Buscando aprofundar esta questão, traçamos um breve panorama sobre a arte têxtil e buscamos outras cosmovisões, como as dos povos indígenas e afro-brasileiros. Escolhemos apresentar o trabalho mais recente da artista baiana Glicéria Tupinambá que durante a pandemia recriou junto com sua comunidade, os Mantos Tupinambás. Considerados joias do colecionismo, são trajes cerimoniais feitos de fibras vegetais e penas de pássaros, tidos como resquícios exuberantes do povo que dominava a costa do Brasil há 500 anos. Analisando o percurso da produção dos mantos contemporâneos, refletimos sobre a mitologia e as técnicas envolvidas em sua confecção e uso que contém, mas também no papel político do trabalho realizado pela artista. Percebemos a trama têxtil como um dos elementos práticos e metafóricos da formação da nossa consciência histórica, que podem ser associados também ao próprio reconhecimento humano da potência de criar, transmitir narrativas ao longo dos tempos e espaços e evocar poderes e um corpo social contra os poderes institucionalizados que os liga às forças vitais da natureza e cria uma resistência contra a colonização das práticas. Importante ressaltar que em 2000, época em que o primeiro manto foi feito, os Tupinambás de Olivença ainda não eram reconhecidos como indígenas pelo Estado brasileiro. A comunidade, de cerca de 5 mil pessoas, só foi reconhecida oficialmente pela Funai em 2001. Hoje o manto é um símbolo da resistência da comunidade e de um processo de equilíbrio buscado pelos seus membros para a recuperação do território e manutenção de sua autonomia frente à exploração da região, pois ainda lutam pela demarcação do seu território tradicional, tendo que enfrentar políticos e elites com práticas coloniais preconceituosas e violentas. Concluímos que a obra afirma ideias e ideais de sociedade, de meio ambiente e de educação. Ao considerar as artes têxteis apenas a partir das técnicas europeias deixamos de fora todo um campo de conhecimento com potencial para narrar de uma maneira ainda mais abrangente nossas memórias ancestrais e as próprias identidades do país, contribuindo no campo da política e na própria proteção dessas técnicas e grupos.

Palavras-chave: Artes têxteis, Decolonialidade, Política.

